

144



**COMO FOI TÃO RÁPIDO CHEGAR AQUI,  
E AGORA DEMORA TANTO SAIR DAQUI?**

# LIQUIDAÇÃO DE REVISTAS – 8

Oferta de revistas e álbuns a preços muito baixos. O custo de envio está incluído no preço. O estado de conservação de cada edição está indicado, seguindo a convenção: (MB) – Muito Bom; (B) – Bom; (R) – Regular; (P) – Péssimo. Cada edição ficará reservada ao primeiro que escrever encomendando-a. Após a confirmação, o interessado deve enviar o pagamento em depósito bancário a **EDGARD GUIMARAES**.

**Terceiro Testamento** (Witloof) (B) 4 – R\$ 20,00 \* **Pato Donald – Uma Máquina Prodígiosa** (Ibis) (B) – R\$ 20,00 \* **A Direita de Cara à Banda** (Caminho) (B) – R\$ 10,00 \* **Tintim – O Ídolo Roubado** (Flamboyant) (R) – R\$ 20,00 \* **Tintim – As 7 Bolas de Cristal** (Flamboyant) (R) – R\$ 20,00 \* **As Viagens de Gulliver** (Celbrasil) (R) – R\$ 20,00 \* **Branca de Neve e os Sete Anões** (Celbrasil) (R) – R\$ 20,00 \* **Pinóquio** (Celbrasil) (R) – R\$ 20,00 \* **Os Desastres de Sofia** (Verbo) (R) – R\$ 20,00 \* **Um Vulgar Anjo da Guarda** (Witloof) (MB) – R\$ 20,00 \* **Bilboc e Tânia – Uma Dupla da Pesada** (Caramelo) (B) – R\$ 20,00 \* **Grandes Batalhas – Dunquerque** (Bertrand) (B) – R\$ 20,00 \* **Flecha 2000** (B) 61, 63, 71 – R\$ 3,00 c/ \* **O Guerreiro do Arco-Iris** (Meribérica) (B) – R\$ 10,00 \* **Mário e Isabel** (Forja) (R) – R\$ 10,00 \* **O Guarda Ricardo** (Bertrand) (B) 1 – R\$ 5,00 \* **Titã** (Fomento) (P) 23 – R\$ 3,00 \* **Tintim** (15º ano) (P) 21 – R\$ 10,00 \* **Comix** (Devir) (MB) 1, 2 – R\$ 10,00 c/ \* **Baseball Comics** (Kitchen Sink) (MB) 2 – R\$ 5,00 \* **Demolidor** (Ebal) (R) 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 26, 27, 29, 30, 31 – R\$ 10,00 c/ \* **Biografias em Quadrinhos** (Ebal) (B) 3 – R\$ 5,00 \* **Justiceiros** (Ebal) (R) 21 – R\$ 5,00 \* **Leão Marinho – A Guerra de Kentróia** (Ebal) (R) – R\$ 5,00 \* **Almanaque Bip-Bip** (Três) (R) 2 – R\$ 5,00 \* **Akira** (Globo) (B) 36 – R\$ 10,00 \* **Mônica – Uma Aventura no Tempo** (Panini) (B) – R\$ 5,00 \* **Angus** (On Line) (B) 3 – R\$ 5,00 \* **Conan** (Mythos) (B) 42 – R\$ 5,00 \* **Ronin Soul** (B) 2 – R\$ 5,00 \* **Grande Klan** (MB) 1 – R\$ 5,00 \* **Wolverine** (Panini) (MB) 49 – R\$ 5,00 \* **Batman e Robin Grandes Astros** (Panini) (MB) 4 – R\$ 5,00 \* **Guerra Civil** (Panini) (MB) 4 – R\$ 5,00 \* **X-Men Extra** (Panini) (MB) 84 – R\$ 5,00 \* **X-Men** (Panini) (MB) 84 – R\$ 5,00 \* **Liga da Justiça** (Panini – sem chaveiro) (MB) 70 – R\$ 5,00 \* **Batman** (Panini – sem chaveiro) (MB) 70 – R\$ 5,00 \* **Superman** (Panini – sem chaveiro) (MB) 70 – R\$ 5,00 \* **Marvel 1602 encadernado** (Panini) (MB) – R\$ 20,00 \* **Revista Vozes – O Mundo dos Super-Heróis** (B) – R\$ 20,00 \* **Cidadania para Principiantes** (Ática) (B) – R\$ 20,00 \* **Graúna e Rê Bordosa** (Terras do Sonhar) (B) – R\$ 10,00 \* **Um Dia Uma Morte** (Grafitti) (MB) – R\$ 20,00 \* **Disney Especialíssimo** (Morumbi) (MB) 25 – R\$ 10,00 \* **Bibs – O Outro Livro** (B) – R\$ 10,00 \* **Giddap Joe Super** (Noblet) (R) 2, 6 – R\$ 10,00 c/ \* **Giddap Joe** (Noblet) (R) 2, 4 – R\$ 5,00 c/ \* **Mister No** (Noblet – 84 p.) (R) 6 – R\$ 5,00 \* **Akim** (Noblet) (P) 24, 53, 149, 164, 171 – R\$ 4,00 c/ \* **Príncipe Valente** (Sampa) (R) – R\$ 4,00 \* **Sobre Heróis e Tumbas** (MB) – R\$ 15,00.

## QUADRINHOS INDEPENDENTES

Nº 144 MARÇO/ABRIL DE 2017

Editor: Edgard Guimarães – edgard.faria.guimaraes@gmail.com  
Rua Capitão Gomes, 168 – Brasópolis – MG – 37530-000.  
Fone: (12) 3941-6843 – 2ª a 5ª feira, após 20h.  
Tiragem de 120 exemplares, impressão digital.

### PREÇO DA ASSINATURA: R\$ 25,00

Assinatura anual correspondente aos n°s 143 a 148  
Pagamento através de cheque nominal, selos, dinheiro  
ou depósito para Edgard José de Faria Guimarães:

Caixa Econômica Federal – agência 1388  
operação 001 – conta corrente 5836-1

O depósito pode ser feito em Casa Lotérica (só em dinheiro).

Envie, para meu controle, informações sobre o depósito:  
dia, hora, cheque ou dinheiro, caixa automático ou lotérica.

## ANÚNCIO NO “QI”

O anúncio para o “QI” deve vir pronto, e os preços são:

1 página (140x184mm):	R\$ 40,00
1/2 página (140x90mm):	R\$ 20,00
1/2 página (68x184mm):	R\$ 20,00
1/4 página (68x90mm):	R\$ 10,00
1/8 página (68x43mm):	R\$ 5,00

## EDITORIAL

Novo número no prazo.

Os colaboradores no prazo. Nos textos, Lio Guerra Bocorny, Worney Almeida de Souza, Espedicto Figueiredo, as resenhas de Cesar Silva, Marcos Freitas e André Carim, além das cartas do ‘Fórum’, totalizando 11 páginas! Nos desenhos e ilustrações, Marcos Fabiano Lopes, Capilé e Paulo Anjos, Roberto Simoni, José Ruy, Luiz Cláudio Lopes Faria, Guilherme Amaro.

Carlos Gonçalves comparece com mais um encarte, o n° 6 de ‘Artigos sobre Histórias em Quadrinhos’ dedicado ao cowboy Red Ryder, de Fred Harman.

E um brinde especial aos leitores do “QI”, cortesia de Marcos Freitas, da Atomic Books. Junto com este número, segue o n° 13 da revista “Quadrinhos”, que acaba de ser lançada.

Boa leitura! Para ler sem prazo.

Ainda dentro do prazo: para contato através de e-mail, passo a usar o endereço:

[edgard.faria.guimaraes@gmail.com](mailto:edgard.faria.guimaraes@gmail.com)

# ESCORPIÃO

Edgard Guimarães

A partir da ilustração de **Marcos Fabiano Lopes**, apresentamos informações sobre o herói *Escorpião*, começando com o que já foi registrado em obras de referência.

**O Mundo dos Quadrinhos**, de Ionaldo Cavalcanti:

“Super-herói brasileiro com uniforme, máscara e pistolas na cinta, *Escorpião*, o defensor da Amazônia, tem argumentos de Francisco de Assis e Rivaldo e desenhos de Rodolfo Zalla e Eugenio Colonnese. É evidente, em tudo nessa série, a influência do *Fantasma*, de Lee Falk. Publicado em revista própria desde 1966 pela Editora Taika.”

**Heróis Nacionais**, de Eduardo Cimó:

“O *Escorpião* foi um personagem criado por Wilson Fernandes, no ano de 1966, teve revista própria editada pela Editora Taika. Inicialmente o próprio Wilson Fernandes é quem desenhava o *Escorpião*, depois desenhou o Eugenio Colonnese e Rodolfo Zalla, que sempre fazia as capas, com textos de Rivaldo e Francisco de Assis. O *Escorpião* é o cientista *Gilberto Laporte*, que estuda a floresta do Amazonas, procurando solucionar problemas relacionados com a nutrição. Acidentalmente ele descobre que a seiva de uma planta misteriosa lhe dá uma grande força, então ele resolve manter sob controle o mundo selvagem em que vive. Assim, o cientista utiliza o poder de sua descoberta como força pacificadora, surgindo o herói do Amazonas: *Escorpião*. Mas, devido a grande semelhança do herói com o *Fantasma* publicado pela Rio Gráfica, Rodolfo Zalla teve que fazer umas transformações, mudando seu uniforme, acrescentando uma pequena capa, mudando a cor, dando-lhe uma arma que parecia uma lanterna que emite raio e tem o sinal do *Escorpião*, um par de luvas e um cinturão onde guarda todas suas armas. Esta modificação foi feita já na quarta revista do *Escorpião*. O *Escorpião* teve grande aceitação na época, tanto é que foram publicados vários números, e em 1976 a editora Taika reprisou várias histórias em quadrinhos do herói em uma “Nova Fase.”



**Catálogo de Heróis Brasileiros**, de Lancelott:

“... Eis que surge como uma sombra abrasadora, terror dos malfiteiros, deixa sobre eles a sua marca... O *Escorpião* original foi uma duplicata do *Fantasma*. O primeiro *Escorpião*, encomendado em 1965 pelo editor Heli de Lacerda ao desenhista Wilson Fernandes, para a editora Taika, foi objeto de um processo de plágio pela RGE, detentora dos direitos do *Fantasma* no Brasil. Neste visual o personagem durou apenas 3 números. Esta versão chamava-se *Sr. Nilson* e era um homem comum sem poderes especiais, sua base era dentro da floresta amazônica e deixava a marca do *Escorpião* nos bandidos. Para combater o crime e o perigo comunista, contava com vários equipamentos, como lanchar, corda para escalar, faca, revólver, etc.”

“O *Escorpião II*, aliás, *Gilberto Laporte*, foi uma criação de Francisco de Assis e Rodolfo Zalla a pedido da editora Taika em 1967. O *Escorpião* tornou-se um herói cercado de mistério: seu passado e a origem de toda sua tecnologia superior nunca foram revelados. Era um super-herói ecológico, bem diferente de seu antecessor criado por Wilson Fernandes em 1965. O *Escorpião II* foi, talvez, o primeiro herói dos quadrinhos no Brasil que surgiu em virtude de uma querela da King Features Syndicate, aqui representada pela RGE, contra o *Escorpião I* de Wilson Fernandes, por sugerir uma cópia do *Fantasma*. Melhor para nós, temos dois *Escorpiões*! Nos dias atuais teve uma participação com o personagem de Samicler, *O Cometa, Nova e Raio Negro*.”

**A Saga dos Super-Heróis Brasileiros**, de Roberto Guedes:

“A primeira encarnação do *Escorpião* (de agosto de 1966) foi feita por Wilson Fernandes – a mando do editor Heli Lacerda – era um plágio descarado do *Fantasma*, inclusive com desenhos chupados de Sy Barry. Mesmo assim, a revista vendia horrores – tanto que quase esgotou a tiragem de 50 mil exemplares dos dois primeiros números – o que incomodou, de veras, o King Features Syndicate (distribuidor mundial do *Fantasma*). Preocupados com uma represália do sindicato internacional, a Editora Taika encomendou a Rodolfo Zalla e ao roteirista Francisco de Assis a reformulação do herói. Zalla nunca sentiu-se confortável em desenhar super-heróis, mas, como bom profissional, aceitou a empreitada. O *Escorpião* continuou popular e ganhou muito em termos artísticos e temáticos, tornando-se um legítimo defensor da selva amazônica. E como nas melhores histórias de super-heróis, “delírios” criativos eram permitidos, como o fato de o Brasil possuir tecnologia para detonação da 1ª bomba atômica de sua história, além do lançamento de naves espaciais ainda nos anos 1960, apesar de até hoje o país não dominar tal tecnologia...”

*Os Super-Heróis Brasileiros*, de Antônio Luiz Ribeiro:

“Muitos foram os super-heróis brasileiros calcados em cima do *Phantom (Fantasma)* americano. (...) Vamos falar sobre mais um imitador do *Espírito-Que-Anda*, o *Escorpião*. A primeira aparição do *Escorpião* não é muito precisa. Segundo o expediente do número um de sua revista, seria em agosto de 1966. Mas é possível que o gibi tenha sido levado às bancas somente no ano seguinte. Wilson Fernandes escreveu e desenhou os três primeiros números do *Escorpião*. A partir do quarto, as histórias passaram a ser feitas por Rodolfo Zalla (desenhos) e Francisco de Assis (roteiros). Sob a direção de Zalla, o herói sofreu várias mudanças, tanto visuais como narrativas. Seu uniforme azul foi mudado e ele passou a ser uma espécie de guardião da floresta amazônica. A base de operações do herói ficava dentro da floresta e, assim como o *Fantasma*, era amigo dos índios locais e também se disfarçava como um homem comum, o *Sr. Nilson* (uma variação do *Mr. Walker*). Como se não bastasse, deixava, ao socar os bandidos, a marca de um escorpião nos seus rostos. Para combater o crime e o perigo comunista, contava com vários apetrechos, como lanterna, corda para escalar subidas, faca, revólver, etc. A revista *Escorpião* foi cancelada em 1968, após 10 números. Em seguida, a Taika lançou uma segunda série de *Escorpião*, que só durou duas edições.”

O primeiro número da revista *Escorpião* foi lançado pela editora Taika com data de agosto de 1966 no expediente. A capa foi feita por Rodolfo Zalla, que aparece no expediente como Diretor de Arte. A história de estreia, *Sabotagem*, de 30 páginas, é creditada – estória e desenhos – a Wilson Fernandes, o criador do personagem. Em todos os aspectos, o *Escorpião* é copiado do *Fantasma*, de Lee Falk. A começar do uniforme, que tem o mesmo tipo de malha cobrindo todo o corpo, botas, calção e cinturão com pistola. Embora no Brasil o uniforme do *Fantasma* fosse vermelho, no original era violeta ou roxo, mais próximo do azul escuro do uniforme do *Escorpião*. Toda a mística do *Fantasma* está inteira em *Escorpião*, o mito da imortalidade, o fato de ninguém conhecer seu rosto, a ascendência sobre os nativos, até o



anel com um símbolo (no caso, um escorpião) que deixa marca no rosto dos criminosos. Não bastasse tudo isso, os desenhos de Wilson Fernandes foram calcados nos de Sy Barry, na época o desenhista de *Fantasma*. As poses do herói, as cenas de lutas, os rostos dos personagens, o modelo do helicóptero, o capacete do policial igual ao dos membros da Patrulha da Selva, não escapou nada. Até o disfarce do herói quando tem que interagir com pessoas comuns, terno, óculos escuros e chapéu, e o nome de *Sr. Nilson*. Apesar de tudo isso, o desenho de Wilson Fernandes foi feito com um certo capricho e a história tem um desenvolvimento correto. Nessa primeira história, o *Escorpião* é um defensor da floresta brasileira, mas não há referência específica à Amazônia. O primeiro ponto original de *Escorpião* é que ele é justamente um defensor do território brasileiro, cujas riquezas são atrativos para a cobiça de países estrangeiros. Também no universo ficcional de *Escorpião*, o Brasil é um país em ritmo de desenvolvimento, inclusive tecnológico. E o mote dessa primeira aventura é o lançamento do primeiro foguete brasileiro, alvo da sabotagem de uma quadrilha de mercenários, que, obviamente, encontra o seu fim nas mãos do *Escorpião*.

O segundo número da revista também tem data de agosto de 1966 no expediente, deve ter saído um ou dois meses depois. A história, *Escorpião contra os Usurpadores*, de 30 páginas, também foi toda produzida por Wilson Fernandes, e a capa de Rodolfo Zalla. O autor mantém todas as características da primeira história, ou seja, é quase uma aventura do *Fantasma*. Dessa vez, a floresta é a amazônica, pois um dos coadjuvantes foge para a floresta a partir de Manaus. O mote dessa história é a de uma companhia estrangeira que consegue autorização para pescar pitus, mas está roubando areia monástica. A aventura tem seu ponto forte na figura do herói, invencível diante de uma quadrilha inteira de malfeteiros, mas num aspecto destoado do padrão bem comportado dos heróis norte-americanos. Em dado momento, o *Escorpião* não tem escrúpulo nenhum em jogar um dos criminosos num rio cheio de piranhas. Do fundo da cópia, emerge um aspecto cruel característico da cultura brasileira.

O nº 3 da revista mantém a capa de Rodolfo Zalla e a data de agosto de 1966 no expediente. Certamente saiu antes do fim do ano, pois traz na capa o preço em Cruzeiros. O conteúdo, no entanto, é outro. A história *A Lenda do Escorpião* tenta dar uma origem ao herói, que antes permanecia totalmente misterioso. O texto escrito por Rivaldo, e com os desenhos pessoais de Eugenio Colonnese, conta a história de um cientista, *Gilberto Laporte*, que estuda a flora do Amazonas. Cai num buraco e para sobreviver alimenta-se de uma estranha raiz que lhe dá grande força. Decide manter o controle da região onde existe esta importante planta e assume a identidade de *Escorpião*, o herói da Amazônia misteriosa.



A história da origem ocupa as 7 primeiras páginas e continua com o título *O Raio da Morte* até completar 28 páginas. Apesar de agora o *Escorpião* ter uma origem definida, acrescida de um poder real, uma força sobre-humana, mantém o uniforme calcado no *Fantasma* e continua protegendo a Amazônia, ao lado das autoridades governamentais. Nessa história, um grupo de russos, chefiado por um chinês misterioso, constrói um equipamento a laser na floresta para incendiar plantações na América do Norte e culpar os russos por isso, criando conflito entre as duas potências. O caso se resolve com a intervenção de uma espiã russa que desmonta a quadrilha, destruindo as instalações e o chinês. Embora esse *Escorpião* de Rivaldo e Colonese mantenha a matriz do *Fantasma*, até acrescentando um trono com a marca de um escorpião, e acrescentando características do *Batman*, com um sinal com um escorpião projetado no céu, afasta-se da pura cópia do *Fantasma* feita por Wilson Fernandes. Talvez fosse um esforço intencional para evitar problemas com os detentores dos direitos do *Fantasma*.

Não dá para afirmar se houve um processo da parte do King Features e da Rio Gráfica e Editora contra a editora Taika por causa da semelhança entre o *Fantasma* e o *Escorpião*. É mais provável que a própria editora Taika tenha decidido não arriscar e promoveu no herói uma mudança mais radical do que havia tentado no nº 3 da revista.



O nº 4 de *Escorpião* só saiu em setembro de 1967, pelo que consta no expediente. A capa da revista foi feita por Rodolfo Zalla e o preço está em Cruzeiro Novo, o que significa que a revista é posterior a fevereiro de 1967. O personagem sofreu grandes modificações, principalmente no uniforme. O modelo agora está mais próximo do *Capitão América*, no tipo das botas e luvas, a ausência do calção, mas com o acréscimo de uma pequena capa. Também tem um “cinto de utilidades”. As cores passaram a ser verde, vermelho e amarelo. Continua a ser um protetor da Amazônia ao lado das forças militares. E volta a ser totalmente misterioso, “um homem sem passado, sem futuro, um homem sem presente”. Possui agora uma arma em forma de lanterna que tanto serve para enviar um sinal com o símbolo do escorpião como para emitir um raio mortal. Essa primeira história do herói reformulado ficou a cargo de

Francisco de Assis com os desenhos de Rodolfo Zalla. O *Escorpião* convida um capitão do exército para conhecer seu centro de operações. Esse *Escorpião* possui um esconderijo em forma de pirâmide sul-americana, “a casa dos escorpions”, super-avançada tecnologicamente, capaz de monitorar toda a Amazônia, com os mais inacreditáveis recursos, mas quase tudo que o capitão pergunta, *Escorpião* não pode responder. Mas revela que seu objetivo é garantir que “a Amazônia não será tomada”. Na continuação da aventura, aparece uma rainha de uma tribo de guerreiras amazônicas, que não afeta em nada o desenrolar da história. Os adversários são uma quadrilha explorando clandestinamente o minério cassiterita e logo são derrotados pelo *Escorpião*. Nesta história há uma passagem que indica que houve mesmo algum atrito entre a editora e os detentores dos direitos do *Fantasma*. Há um deboche ao herói original. Quando o capitão comenta que não esperava que o *Escorpião* tivesse tantos recursos, este retruca: “Por quê? Imaginava-me morando numa caverna e tendo como locomoção um cavalo?”.

A revista durou até o nº 10, com data de novembro de 1968 no expediente. Algumas aventuras têm o roteiro creditado a Francisco de Assis e a maioria tem desenhos de Rodolfo Zalla. O tipo das histórias não mudou muito, *Escorpião* continua um defensor da Amazônia, mas o nível dos roteiros caiu bastante. Em várias histórias, a trama não se desenrola com muita lógica, tem soluções improvisadas, principalmente no que diz respeito aos novos “poderes” de *Escorpião*. Ora ele simplesmente se transporta de um local para outro, ora usa umas pílulas que absorvem o oxigênio e apaga as chamas, e ainda pinga um líquido nos olhos e passa a enxergar através dos objetos. O nº 7 é peculiar, a começar pela capa que não traz a figura do herói e sim apenas um gigantesco escorpião. A aventura, desenhada por Colonese, leva o *Escorpião* para participar de uma revolução num país árabe. Também recupera uma identidade civil para o *Escorpião*, um cientista do Ministério da Agricultura, mas o nome *Gilberto Laporte* não é mencionado. No final da história do nº 9, *Escorpião* reafirma sua posição como defensor da Amazônia: “O Brasil é o único e legítimo dono deste pedaço maravilhoso... imenso... no futuro será o celeiro do mundo. Nada nos deterá rumo ao grande destino que nos aguarda!”. A HQ do nº 10 também é curiosa, o *Escorpião* se veste de monge para investigar um grupo de contrabandistas e encontra um lobisomem, que não passa de um ator decadente fantasiado a mando dos criminosos para afastar os curiosos do local. É morto pelos bandidos: “Pobre infeliz... terminou seus dias num papel ingrato!”.

Em 1976, a editora Taika relançou a revista *Escorpião* “em nova fase”. O nº 1 teve capa de Wilson Fernandes e republicou a primeira história, mostrando o herói com o visual antigo. Completando a revista, uma história de 6 páginas sobre a Onça Pintada, feita por Fernandes. O nº 2 também teve capa de Wilson Fernandes mostrando o *Escorpião* antigo, mas republicou a primeira história feita por Zalla com o novo uniforme do herói.

# CONSELHOS

No número anterior do **QI**, mencionei a revista **Boletim Club Amigos de La Historieta** nº 34, do 2º trimestre de 1981, enviada por Roberto Mac-Ghan. Esta revista trouxe como assunto principal um *dossier* sobre a revista **Alex** nº 10, publicada na Espanha em 1955. Este número da revista **Alex** dedicou várias páginas ao autor José Toutain, uma HQ de sua autoria, dados biográficos e as suas opiniões sobre o meio das Histórias em Quadrinhos, com o título *Consejos*, que reproduzo logo abaixo. José Toutain, que é mais referenciado como Josep Toutain, na época, em 1955, já tinha 5 anos de profissão como quadrinhista. Mas ficou mais conhecido por suas atividades à frente da distribuidora Selecciones Ilustradas e pela criação da editora com seu nome. Entre tantas coisas de destaque em sua carreira, cabe mencionar a intermediação do excelente material feito pelos artistas espanhóis para as revistas da Warren, **Creepy**, **Eerie** e **Vampirella**. Curioso observar que seus conselhos são extremamente pragmáticos, voltados a quem tem como maior interesse entrar no mercado dos Quadrinhos.

1º – *Considero afortunado o desenhista de Histórias em Quadrinhos que, graças a sua cultura e imaginação, não se vê na necessidade de recorrer a um roteirista.* É certo que existem alguns bons roteiristas que têm sabido adaptar-se ao estilo e característica de determinados ilustradores, mas isso se consegue em poucas ocasiões.

2º – *Um grande ilustrador pode ser um deficiente desenhista de Histórias em Quadrinhos.* Este caso tem ocorrido inúmeras vezes não só na Espanha, mas também nos Estados Unidos, o país onde há os melhores quadrinhistas. Um exemplo temos em Frank Godwin, impecável ilustrador ianque, criador do personagem *Rusty Riley*, cujo êxito de venda não pode se comparar nem remotamente ao conseguido por Chester Gould e sua criação *Dick Tracy*, de qualidade artística mil vezes menor, sendo, não obstante, a HQ mais lida em toda América. Como este, poderia citar numerosos exemplos mais.

3º – O porquê da conclusão anterior se encontra nas duas seguintes: *Numa História em Quadrinhos, o roteiro tem 90% de importância. O bom desenhista de HQ deve ter bem desenvolvido um instinto de direção.* Semelhante ao que deve ter um bom diretor de Cinema para realizar com os mais variados enquadramentos, planificações e contrastes de luz os distintos momentos do roteiro, fazendo ressaltar os detalhes mais importantes, dando à toda a trama uma sensação de continuidade, valendo-se da ambientação e da paisagem para situar o leitor na cena, dando a cada um dos personagens a expressão própria de sua personalidade e o papel que desempenha na história.

4º – Desenhistas mundialmente conhecidos como Al Capp, criador de *Li'l Abner*, Milton Caniff, de *Steve Canyon*, William Eisner, de *The Spirit*, Chester Gould, Roy Crane e tantos outros, têm prescindido, em regra geral, da ilustração pura e isolada para conseguir um trabalho de conjunto que tem feito de suas HQs as mais procuradas e cotadas do mundo. Isto serve de base para o seguinte conselho: *O bom quadrinhista desenha uma HQ com certo número de quadros, não certo número de quadros para uma HQ.*

5º – Finalmente meu último conselho que, sei, vai causar revolta entre alguns desenhistas profissionais. *Todo amador que queira chegar a ser um bom desenhista de HQ, deve iniciar-se tomando como modelo a qualquer mestre da ilustração e aprender com ele.* É muito louvável a decisão do amador que pretende aprender tudo por si, somente praticando do natural. Este amador chegará a conseguir uma agilidade e estilos próprios com o tempo, no entanto não ganhará dinheiro. Pelo contrário, o amador que baseie seu aprendizado nos conhecimentos de um mestre já consagrado, verá remunerados mais rapidamente seus trabalhos e, no final, conseguirá também forçosamente um estilo próprio e pessoal. Na arte como um todo, sempre segundo minha opinião, deve-se basear em princípios já estabelecidos, do contrário os desenhistas seguiríamos pintando touros e silhuetas nas cavernas de Altamira. *Distinga-se o que foi dito do plágio.*



# BENJAMIN PEPPER



Ilustração de Capilé com Benjamin Pepppe, de Paulo Miguel dos Anjos.

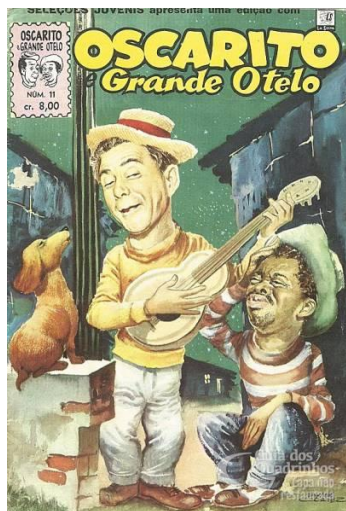
# OSCARITO E GRANDE OTELO

Lio Guerra Bocorny

Corria o ano da graça de 1957. Há 60 anos o Brasil vivia um bom momento. Talvez o melhor momento de sua história. Circulava em nossa malha rodoviária pouco mais de 400.000 automóveis.

Nosso país mal passava de 60 milhões de habitantes e a inflação batia nos 21% ao ano. Naquele ano foram fabricados 550 Romisetas tendo a atriz Eva Wilma como garota-propaganda do interessante carrinho.

Também eram lançados os primeiros fundamentos da construção de Brasília, que seria inaugurada em 21 de abril de 1960.



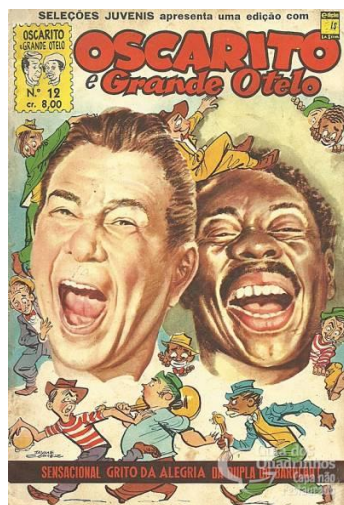
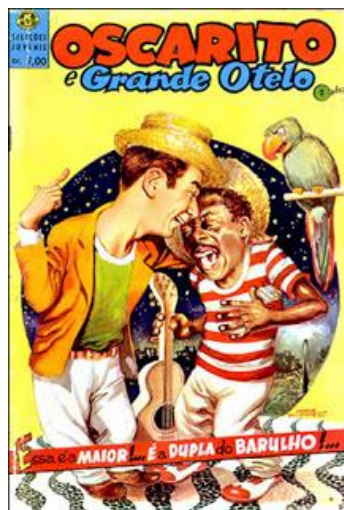
Foi o ano de ouro dos Quadrinhos, onde apareceram **Bolinha, Mazzaropi, Lili, Juju Faísca, Sobrinhos do Capitão, Grandes Figuras, Capitão Fantasma, Pato Dizzy, Juju Faísca, Jerônimo, Nevada, Invictus, Gatilho, e Noites de Terror**, entre outros.

Mas o maior lançamento foi **Oscarito e Grande OteLO** pela saudosa La Selva.

A “dupla dinâmica” que havia conquistado a simpatia da população nas produções cinematográficas da Atlântida, chegou às bancas em junho de 1957 e perdurou até 1959 quando atingiu o número 18.

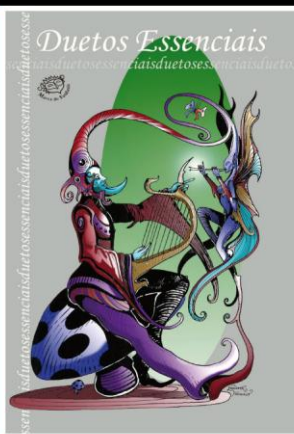
Os textos eram de autoria de Alberto Maduar e Flávio de Souza e os desenhistas foram Queiroz, Messias, Juarez Odilon e Aylton Thomaz, com capas esmeradas de Jayme Cortez, como pode ser observado em seu número 2.

Os editores apresentaram a seguinte mensagem: “Esta é outra revista da Editora La Selva, **TOTALMENTE NACIONAL**, argumentos, desenhos, personagens, tinta, tudo é brasileiro nesta revista. Isto é uma coisa importante, hão de convir, pois não é fácil fazer uma revista inteiramente nacional. Dá um trabalho danado e custa muito dinheiro. Porém, a Editora La Selva não poupou ou pechinçou esforços, dinheiro e coragem.”





# GRANDES OBRAS EM QUADRINHOS AUTORAIS



**PRIMAS**  
Alberto Pessoa  
100p. 14x20cm.  
História em quadrinhos sobre prostituição em zonas periféricas do Nordeste.  
Versão impressa e digital.

**DUETOS ESSENCIAIS**  
Edgar Franco et al.  
80p. 14x20cm.  
Quadrinhos poéticos de Edgar Franco em parceria com vários autores brasileiros.



editora@marcadefantasia.com  
[www.marcadefantasia.com](http://www.marcadefantasia.com)



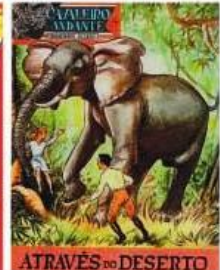
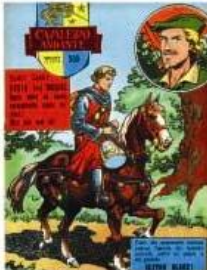
## CONVITE

### CAVALEIRO ANDANTE

O CLUBE PORTUGUÊS DE BANDA DESENHADA  
CONVIDA-O PARA UMA EXPOSIÇÃO SOBRE OS 65 ANOS DA REVISTA "CAVALEIRO ANDANTE" A REALIZAR-SE NA SUA SEDE  
- AVENIDA DO BRASIL 52-A - FALAGUEIRA-AMADORA  
NO DIA 18 DE MARÇO (SÁBADO) PELAS 17HO0.



*Cavaleiro Andante*

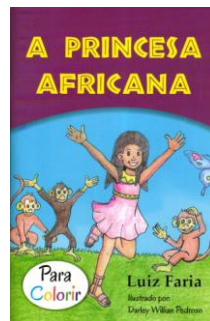


Convite de Exposição do **Clube Português de Banda Desenhada** sobre a revista **Cavaleiro Andante**, enviado por **Carlos Gonçalves**.

# A PRINCESA AFRICANA

Luiz Cláudio Lopes Faria acaba de lançar o livro **A PRINCESA AFRICANA** pela editora All Print. O livro é ilustrado por **Darley Willian Pedroso** e pode ser adquirido através do site da editora: [www.allprinteditora.com.br](http://www.allprinteditora.com.br), ao preço de R\$ 16,00 mais porte.

O contato com o autor pode ser feito através do instagram: [luizcfaria](https://www.instagram.com/luizcfaria).



LOTES DO MÚLTIPLO 1 AO 6 - PREÇOS COM FRETE JÁ INCLUSO A SUA PARTICIPAÇÃO É IMPORTANTE, ELA GARANTE A IMPRESSÃO DOS FANZINES E O FORTALECIMENTO DA HQ NACIONAL					
	<b>MÚLTIPLO 1</b> R\$ 9,00 UNIDADE 52 PÁGINAS		<b>MÚLTIPLO 2</b> R\$ 11,00 UNIDADE 78 PÁGINAS		<b>MÚLTIPLO 3</b> R\$ 10,00 UNIDADE 72 PÁGINAS
	<b>MÚLTIPLO 4</b> R\$ 11,00 UNIDADE 80 PÁGINAS		<b>MÚLTIPLO 5</b> R\$ 12,00 UNIDADE 84 PÁGINAS		<b>MÚLTIPLO 6</b> R\$ 13,00 UNIDADE 104 PÁGINAS
OS FANZINES ESTÃO COM PREÇOS DE CUSTO, VOCÊ SÓ ESTARÁ PAGANDO A IMPRESSÃO+FRETE E INCLUSO OS EXEMPLARES SERÃO IMPRESSOS QUANDO Atingir o MÍNIMO DE INTERESSADOS, DEIXA SEU NO ME IN BOX QUE VOCÊ SERÁ AVISADO PREÇOS VÁLIDOS ATÉ O DIA 15/4/2017 - APÓS ESSE DIA NO VO ORÇAMENTO DEVERÁ SER FEITO E REPASSADO CASO NÃO SE ATINJA O MÍNIMO NECESSÁRIO PARA IMPRESSÃO DOS EXEMPLARES! O QUE VOCÊ ESTÁ ESPERANDO, PEÇA JÁ O SEU LOTE! PARA PEDIDO DOS 6 NÚMEROS, FAVOR SOMAR OS VALORES UNITÁRIO DE CADA EXEMPLAR!					



Tira enviada por **Roberto Simoni**.



# Convite

O Presidente da Câmara Municipal de Moura, Santiago Macias, tem o prazer de o(a) convidar para o lançamento da biografia em banda desenhada «José Coelho - O Músico Autodidata», de Carlos Rico, dia 1 de abril, às 15:30, na Feira do Livro de Moura, a decorrer no Parque de Feiras e Exposições.



Convite enviado por Carlos Rico, sobre o lançamento de seu novo livro.

# QUADRINHOS INSTITUCIONAIS DE JOSÉ RUY

No **QI** anterior, encerramos os Depoimentos de José Ruy sobre sua passagem pelas publicações de Quadrinhos de Portugal. Um de seus trabalhos interessantes foi a produção de anúncios em forma de HQ para diversos produtos. Os dois exemplos abaixo foram publicados na revista **Tintin** portuguesa.





**CRIANÇAS DE ONTEM E HOJE!!**



Colaboração de Luiz Cláudio Lopes Faria.



# FÓRUM

---

## RENATO DONISETE PINTO

C.P. 1035 – B. Barcelona – São Caetano do Sul – SP – 09560-970

---

Muito obrigado pelo exemplar do “QI” 142 e ‘Artigos sobre Histórias em Quadrinhos’ 4. Admiro cada vez mais seu trabalho e sou muito grato pelo apoio que você dá aos trabalhos autorais e independentes. Junto desta carta segue o fanzine “Odair Jozine”, publicação realizada junto com os amigos Márcio Sno, Renato Lauris Jr., Jean Marin, Nayara Konno e Hegberto Emiliano, que trata da vida e obra do cantor Odair José.

---

## FRANCISCO FILARDI

Est.Adhemar Bebiano, 257/306, bl.3 - Rio de Janeiro - RJ - 21051-071

---

Recebi a edição 142 do “QI” e mais o “biscoito fino” sobre Buffalo Bill. Lembro-me de que li a obra de Marmont publicada pela Ediouro, ainda menino, de calças curtas, por imposição da escolinha de ensino fundamental (bleh!). Do Bill, lembro-me de que gostei. Mas odiava Orígenes Lessa! Li, à época, algumas obras desse autor, a exemplo de “Memórias de um Fusca”, “Memórias de um Cabo de Vassoura” e “Confissões de um Vira-lata”. Todas para fazer resuminho, como era de praxe, à época, e todas devidamente odiadas. Não sou favorável a leituras impostas, só porque fazem parte de um “programa” de ensino – via de regra, nem os professores leem tais títulos. As obras indicadas são mais confiáveis; os professores as leem e recomendam-nas aos alunos. O mesmo deve ser válido para os demais produtos culturais (filmes, espetáculos teatrais, exposições diversas, etc.). Esse é o princípio que adotamos na página de Intervalo Cultural RJ no Facebook. Se a novidade é boa, compartilhamos.

Quanto ao Lessa, é claro que preciso reler as obras citadas para desfazer a impressão inicial. No entanto, faço o “mea culpa” (leia-se “cá entre nós”), já que não disponho da mínima vontade para fazê-lo.

Desde menino sou chegado a um “far west”. Assisti, até, ao filme de 1976, estrelado por Paul Newman, sobre Buffalo Bill. O livro é melhor, claro.

No “QI”, a crônica de E. Figueiredo, em que cita “Monsieur Verdoux” do Chaplin, é bem interessante. Assisti ao filme somente no ano passado. Bom filme, diga-se, da “era falada” do ator/diretor inglês (embora pense que o lance dele eram mesmo os filmes mudos).

De novidade, seguem um quadrinho do Horácio, distribuído graciosamente pelas lojas Tok&Stok, e a “Revista da Cultura”, publicação também gratuita com as novidades da Livraria Cultura, que traz uma interessante reportagem sobre o recente trabalho do quadrinhista Marcelo D’Saleta. Imperdível. Por falar em Livraria Cultura, dê uma bisbilhotada na página da livraria na internet ([www.livrariacultura.com.br](http://www.livrariacultura.com.br)). Lá, encontrei o título “A História dos Quadrinhos no Brasil”, de Ivan Saldenber, oferecida a módicos R\$ 3,99 na versão digitalizada. Essa é para compartilhar com os leitores do “QI”. Para finalizar, retribuo sua gentileza com outro “biscoito fino”: o CD de Clapton e B.B. King para você curtir.

---

## JÚLIO SHIMAMOTO

Estrada Mapuá, 358 – Jacarepaguá – Rio de Janeiro – RJ – 22713-321

---

Recebi no dia 22 seu zine com encarte! Que capa super bonita, nota mil! Se os quadrinhos trazem leveza, as matérias são para serem lidas com calma, como as de José Ruy e Carlos Gonçalves (brilhante ao falar sobre Roy Rogers), e as cartas de Luiz Antônio Sampaio e Quiof Thrul nos brindam com informações preciosas. Merece destaque a corajosa postura de Quiof, que não se esquivou em condenar o plágio, que se caracteriza por furto duplo, de criação e imagem.

---

## LINCOLN NERY

R. Helade, 111, ap.102 – Rio de Janeiro – RJ – 20730-490

---

Realmente, as produções de HQs costumam ficar paradas devido ao Carnaval e, talvez, pelo calor mesmo que atrapalha o autor muitas vezes de trabalhar. A seção de cartas está cada vez mais movimentada. Agradeço pelo destaque do reconhecimento de “Protocolo: A Ordem” no Angelo Agostini, tenho orgulho de ter sido convidado a liberar o Jou Ventania nesse projeto, que sei que foi feito com carinho pela equipe técnica e da mesma forma adquirindo pelos leitores.

Aproveito para lembrarem de tentar adquirir a continuação “Alfa – A Primeira Ordem”, que o projeto está ótimo – logo na campanha do Catarse. Primeiro, porque é o preço mais barato, depois de lançada deve ter um aumento para lucro dos autores e mais a entrega, que nesse momento é embutida. Além de, claro, ter seu nome impresso nos créditos. Link: [www.catarse.me/alfa](http://www.catarse.me/alfa)

Outro ponto a ser observado é que está tendo muita procura pelo “Protocolo: A Ordem” por colecionadores, mas as cópias estão esgotadas, e as pessoas estão tendo de garimpar para ver se um dos autores tem algo (eu não tenho). E por envolver muitos criadores, um acordo pela reimpressão é difícil, não impossível, mas difícil.

E por fim, já que as criações do Mestre Gedeone Malagola têm servido de bastante material por aqui, fiquem de olho no especial “A Volta do Capitão Op-Art” do talentoso Luis Carlos Nunes. Posso confirmar que será outro épico de alta qualidade visual, textual e impressa. Quem leu “Supraion” nº 1 já tem uma ideia da qualidade gráfica. O Luís também teve autorização da família do Gedeone para a publicação. Para acompanhar o novo lançamento, curtam a fan page:

[www.facebook.com/supraioncavaleirosideral](http://www.facebook.com/supraioncavaleirosideral)



---

---

### RODOLFO BERTOLI

R. Narciso Bonon, 106 – S. José Castelo – Valinhos – SP – 13270-291

Escrevo para avisá-lo que recebi o “QI” 143 juntamente com o suplemento nº 5 ‘Roy Rogers/Dale Evans’. Se meu pai fosse dado a leitura de zines, certamente ele estaria adorando esta série com os heróis do velho oeste. A título de curiosidade, ele tinha dois empregos na juventude, um deles era operar máquinas de filme no cinema da cidade onde viu boa parte dos filmes de western na década de 60/70. Até hoje, quando vejo TV com ele e cai num canal que está passando filmes dessa época, ele assiste e lembra dos nomes dos atores e das histórias. Incrível! Acredite se quiser, até minha esposa se interessou pelos suplementos quando li sobre o Roy Rogers. Ela recordou a época em que assistia VHS com a avó e que gostava de Jane Calamidade e, claro, John Wayne. Como sempre comento, uma das coisas que mais gosto ao ler o “QI” é esse sentimento bom de nostalgia da casa. Todos nós temos lembranças boas de uma época que o mundo não parecia tão complicado, enfim... Muito obrigado.

---

---

### JOSÉ RUY

Praceta de São Braz, nº 3, piso 5 – Amadora – 2700-799 – Portugal

Chegou o nº 143 do “QI”. Muito grato. São 32 páginas mais encarte que se devoram de um fôlego. Parabéns! Não só pela sua arte de grande nível, mas também pela cuidada seleção da colaboração que preenche o fanzine. Importante (para mim) o manter a edição em papel conjunta com a digital. Aderi ao digital pois é o futuro, mas toda a minha vida profissional sempre funcionou a utilizar o papel, e não vejo que estes dois processos sejam incompatíveis ou até inimigos. O cheiro da tinta no papel, o tato e o poder passar os dedos sobre as partes coloridas à mão pelo autor do fanzine... isso não o posso fazer no digital. Mas viva o digital, claro!

Tudo nesse fanzine tem interesse e agradeço a publicação dos meus artigos sobre fatos que vivi nas redações dos jornais infantis portugueses. É um fanzine eclético, as suas notícias sobre Quadrinhos expandem-se para além do Brasil, pois as HQs são internacionais. Lembro que o meu primeiro contato com as histórias norte-americanas na década de 1940 foi através dos “Mirim” e “Globo Juvenil” que chegavam nessa época a Portugal com mais facilidade do que as publicações americanas. Há sempre no “QI” informações do que existe no mundo sobre esta Arte, as novidades e as efemérides. Muito equilibrado. As HQs não passam de moda, não acusam a idade, são eternas. Um grande abraço atlântico com desejo da continuação de bom trabalho.

*Fico satisfeito que tenha gostado do “QI” e dos encartes que o Carlos Gonçalves tem apresentado os leitores. Agradeço os comentários generosos. E agradeço principalmente por ter permitido que eu reproduzisse seus artigos do BloguedeBD. Com a parte que saiu neste último “QI” 143 completei a série. Aguardo que saia seu texto sobre a produção de Quadrinhos norte-americanos no BloguedeBD e certamente será de interesse dos leitores do “QI”, por isso, desde já, peço sua autorização para reproduzir no “QI” pelo menos partes de seu trabalho.*

O BDBD Blogue vai iniciar brevemente os artigos sobre os Quadrinhos norte-americanos, disse-me o Carlos Rico. Pela minha parte pode transcrever o que desejar e achar de interesse para os seus atentos leitores.

---

---

### MARCOS FABIANO LOPES

Av. Suarão, 2181 – J. Suarão – Itanhaém – SP – 11740-000

Segue as novas ilustrações para o “QI”: ‘Cidade Aberta’, ‘Vizunga’, ‘Tymbira’ e ‘Morcego’. Muito bacana saber que você curtiu o zine e as ilustrações, também gostei muito do resultado visual do ‘Zodiako’. Agora vou estar na produção do zine “Super-Heróis” nº 6 para lançar em abril, ou seja, vou te enviar as 3 últimas ilustrações que faltam em maio.

*Estamos preparando um encarte com os textos sobre Heróis Brasileiros que saíram no “QI”. Aguardem.*

---

---

### PAULO JOUBERT ALVES

R. João Luiz dos Santos, 28-E – Santa Luzia – MG – 33140-250

Agora (desde o ano passado, na verdade), a unidade da administração municipal regional de Venda Nova, em Belo Horizonte, montou uma biblioteca para que as pessoas que frequentam o local para resolverem questões como matrícula, transferência em escolas públicas da região, fiscalização e outros, possam usufruir. Com isso, deve aumentar a demanda de material de instituições (principalmente as dos três governos), que passarei a lhe enviar, uma vez que os adquiro por meio de troca. Já consegui permutar vários livros que ainda não li por uns que estavam há muito encostados em casa. Tem aparecido algumas edições em quadrinhos também. Boa Quaresma!

*Paulo, as edições institucionais são sempre bem vindas e divulgadas no “QI”, muito obrigado.*

---

---

### ESPEDICTO FIGUEIREDO

R. Tamiko Fuzioka, 212 – S. Amaro – São Paulo – SP – 04728-190

Acuso o recebimento da sua correspondência contendo a edição de nº 143 do “QI”. Muito interessante o artigo ‘Experiências Malogradas’, de autoria do confrade Lio Guerra Bocorny.

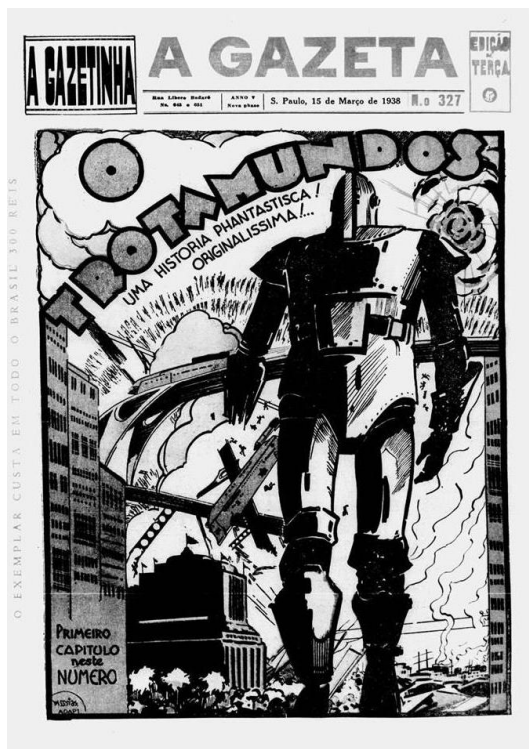
---

---

### LANCELOTT BARTOLOMEU MARTINS

R. Dr. João Cândido, 1340 – Parnaíba – PI – 64218-410

Na “Gazeta” nº 327, de 15 de março de 1938, publicaram, acho que mexicano, com arte de capa de Messias, o “Trotamundos”, que deixou de ser remetido para a “Gazeta”, conforme nota da edição 375. Deixaram de publicar por não mais receber o material do syndicate Servicios Periodísticos Internacionales. A história é igual ao que o Messias fez mais a frente, começa com este robôzão invadindo New York... Acho que com a falta do material, o Messias “criou” o Audaz, saca? Já passei a dica para o Quim Trussel, acho que ele tem mais paciência para essas pesquisas.



---

**ANTONIO ARMANDO AMARO**

R. Ramon Platearo, 7 - V. Granada - São Paulo - SP - 03654-090

---

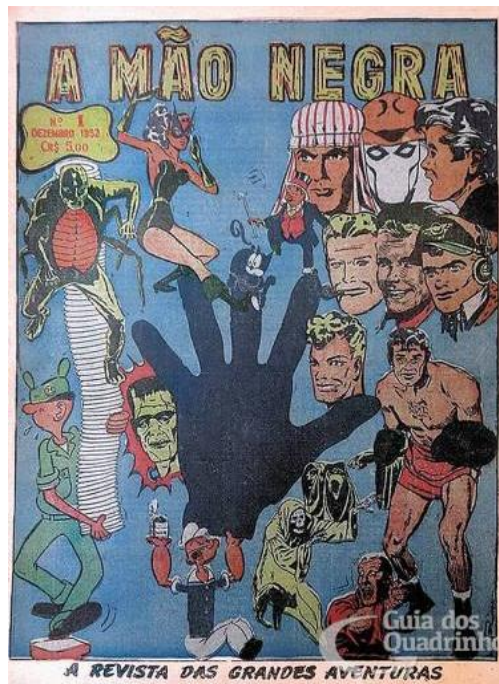
Começo esta carta informando que estou de casa nova, em outubro de 2017 faço 39 anos de casado e 33 de Rua Haia. Depois que as duas minhas filhas casaram, o sobradão ficou grande demais só para 3 pessoas (e o Guilherme mora mais nos céus da América do Sul do que em casa). Mudamos para uma casa térrea em ótimo local, perto da Rua Haia, mas em uma rua tranquila. Só mudarei daqui quando partir para o mundo espiritual.

Bom, vamos comentar este nº 143, que praticamente não teve nenhum artigo teu, mas contém duas coisas que me agradaram, foi a tua capa com os dançarinos e a nudez frontal da gata tristonha (tadinha, por que ela está tão triste?). Ótimo o artigo do Lio G. Bocorny e o comentário no 'Fórum' do Luiz A. Sampaio, uma das pessoas que entende demais de Quadrinhos, talvez o maior do Brasil, ele comenta a troca de nomes, no Brasil e em Portugal, dos heróis americanos e, como ele citou, no Brasil tem mocinhos que tiveram mais que um nome. No caso, ele cita Red Ryder que no Brasil foi chamado de Bronco Piler, Nevada, pelo nome original Red Ryder, e também de Ruivo, que foi publicado na revista "Rancho Grande", em cores na década de 1950, pela Orbis Publicações. Quero agradecer o envio do trabalho do Carlos Gonçalves a respeito do Roy Rogers, valeu. Estou te enviando a xerox de mais um desenho do Guilherme Amaro, ele tinha dez anos quando fez este desenho em 2003; e a xerox da revista "A Mão Negra" nº 1 (acredito que só saiu este número), formato grande, só tem 5 histórias completas, o resto é em capítulos. Algumas histórias eram a cores (poucas). Vou citar as histórias com os personagens: As Aventuras de Dick na Terra dos Sonhos (4 pág.); Big Ben Bolt (2 pág.); Popeye (1 pág.); Frankenstein (4 pág., história completa); O Barba Negra (3 pág., história completa); Recruta 23, que é o Recruta Zero (1 pág., história completa); Johnny Hazard (2 pág.); A Dama de Monsoreau (2 pág.); Cavaleiro Fantasma (4 pág., história completa de Dick Ayers) - no Brasil também foi publicado com o nome de O Fantasma Vingador; Rusty Riley (2 pág.); Brick Bradford (2 pág.); Ben-Hur (2 pág.) - esta aventura foi publicada em Almanaque pela Ebal na década de 1950; Pafúncio (1 pág.); O Gato Preto (4 pág., história completa); O Corcunda de Notre-Dame (2 pág.); Steve Canyon (2 pág.); O Gato Félix (1 pág.); As Presa do Tigre (4 pág., história completa); Acredite ou Não (1 pág.). Era uma revista com 48 páginas, saiu em dezembro de 1952 pela editora Novo Mundo do Rio de Janeiro - pena que não teve continuidade.

*Antonio, muito interessante essa revista "A Mão Negra", não a conhecia. Na década de 1950, as revistas com histórias em continuação já não atraíam o público, o "Gibi", "O Globo Juvenil", já estavam mudando a fórmula para revista com HQs completas. Já está pronto novo encarte de Carlos Gonçalves sobre Red Ryder, que, se não estiver acompanhando este número, acompanhará o próximo.*



Ilustração de Guilherme Amaro, feita aos 10 anos.



Capa de "A Mão Negra" nº 1

---

**ARTHUR FILHO**

R. Espírito Santo, 232/02 - Porto Alegre - RS - 90010-370

---

Recebi o "QI" 143, quanta variedade e contatos, que bom. Vi minha mensagem no "Fórum". Estamos preparando o "Billy the Kid & Outras Histórias" com muita coisa boa no gênero faroeste. Conversando um pouco mais... Os gibis que mais me marcaram e tenho saudades: "Raio Negro", "Pabeyma", "Fikom", "Ringo Ley", "Fradim", "Ken Parker", "Corto Maltese", "Chacal - Tony Carson"... fui comprador ou ganhava de meu pai muito gibi, comprava tudo da Grafipar, da Edrel.

**O ARTISTA**

Arthur Filho

O artista  
cai da cama  
cambaleando, meio em transe,  
vai direto à mesa de trabalho  
onde folhas brancas exigem a sua presença,  
sem piedade, é subordinado,  
mais uma vez,  
a sua sina  
de ser um pobre artista!

---

**JULIE ALBUQUERQUE**

Biblioteca Municipal - R. Zico Soares, 129 - Ibitiuna - SP - 18150-000

---

É muito bom e satisfatório ter a versão impressa do "QI". Adorei mesmo ver as minhas publicações na seção 'Edições Independentes', assim como também ter aparecido na seção 'Fórum'. Tu só errou nos endereços de meus fanzines, a forma correta do e-mail que é [kathoevqueerpunk@gmail.com](mailto:kathoevqueerpunk@gmail.com) ao invés do divulgado, mas tudo bem! É tão gratificante e prazeroso ver os meus fanzines aí no "QI" que nem estou me importando com isso!

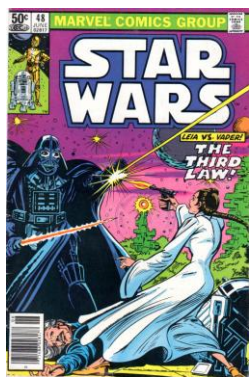


## CARLOS GONÇALVES

R. Tomás da Anunciação, 171, 3º Dto – Lisboa – 1350-326 – Portugal

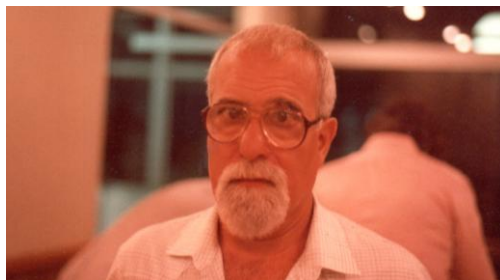
O (texto sobre o) Major Alvega é para ter conhecimento seu, já que também me parece que não terá muito interesse para os leitores brasileiros. Quanto às Construções de Armar, só terão interesse se tiver a sua ajuda no encarte. Sobre Augusto Trigo e Jorge Magalhães, poderá ser um encarte... já não me lembro o que enviei, mas o texto é de Jorge Magalhães. Depois, sobre desenhadores portugueses, José Garcês, Stuart, Fernando Bento, José de Lemos... há textos. Quanto aos cromos, estou a fazer um artigo que está quase completo, penso que terá só interesse se o Edgard der uma ajuda nas cadernetas brasileiras, embora eu tenha muitas... Somos pequenos mas editámos muita coisa. Eu comecei a colecionar, mas acabei por ceder as cadernetas de rebuçados ao Mimoso. Mesmo assim tenho 800 cadernetas. Parei porque já não tenho espaço.

Já tenho em meu poder as suas duas edições e verifico que a qualidade da impressão e composição se mantém, bem como o interesse pelos artigos e informações. Verifica-se isso pelo 'Fórum', onde alguns leitores (é pena nem todos expressarem a sua opinião que, estou certo, serão construtivas) não deixam de salientar algumas dúvidas ou discutirem um ou outro aspecto mais relevante dos assuntos. Antes de mais nada, não quero deixar de agradecer a todos os leitores que têm elogiado os meus artigos, embora estes talvez não sejam tão merecedores de tais elogios. Também agradeço a sua explicação ao leitor Alexandre Yudenitsch sobre o formato A4. Na verdade a Ebal editou revistas em vários formatos, 7 ou 8, pelo que estar a indicar as suas dimensões não terá talvez grande importância... costumo salientar unicamente o formatinho e o A4. Estes são os mais usados. O formato do comic-book norte-americano é de 17x26, mas tenho revistas com o formato de 18,2x26,5. As da Ebal são de 18x26. Mando-lhe digitalizações de uma revista de 1981, outras de 1947/48 (americanas e com as belas capas da época) e outra da Ebal de 1956.



Agora, vamos ao mais importante que é lembrar os assuntos que constam no novo número do "QI". A capa demonstra alegria, talvez ainda reflexo do Carnaval que já passou e que é tão celebrado no Brasil. Aliás, depois de assistirmos ao desfile do corso, durante uma noite inteira, até ao amanhecer do outro dia, tudo o resto que possam celebrar jamais será igual. Podemos finalizar com uma noite de baile vermelho e branco ou preto e branco... será o culminar de um acontecimento jamais visto, exceto no Brasil. Mas queremos dar os parabéns ao nosso desenhador José Ruy, que ao longo dos anos tem recolhido da sua vida profissional muita informação, que tem vindo a espalhar pelos atentos e desejosos de saber sempre mais, quer de forma escrita quer de forma verbal, quando dá os seus colóquios. Estes artigos são sempre uma oportunidade para os mais jovens adquirirem conhecimento para o futuro, pois há sempre alguém que segue a carreira de ilustrador/desenhador. Um pequeno artigo e não menos interessante, são as experiências falhadas da Ebal, em relação a algum material publicado nas suas coleções de revistas de Histórias em Quadrinhos, bem como na escolha de alguns formatos de fraca aceitação. Depois entramos no 'Fórum' e são mais 8 páginas de troca de impressões e pedidos de esclarecimento. O mundo de Ionaldo Cavalcante oferece informações úteis e as Edições Independentes continuam a crescer. Obrigado por incluir alguns dos convites do CPBD nas páginas do "QI". Estamos às portas de novas iniciativas. O neto de Jijé irá ao CPBD... Entretanto encontrei algumas fotos numas arumações, das quais já nem me lembrava. Datam de 1983, janeiro ou fevereiro (Carnaval), da primeira vez que fui ao Brasil. Penso que conheça as pessoas. Eu sou o mais novo, na altura.

*Na primeira foto, Carlos Gonçalves e Adolfo Aizen, em frente à Ebal; na segunda, Jayme Cortez.*





Realmente, o volume 15 de “On Stage” encerra a série. Nenhuma tira ou página dominical foi pulada. Se há algum espaço vazio em páginas dominicais (esses vazios não são nas tiras), nesse volume 15, foi pelo fato de não terem sido encontradas Sunday pages no formato “half page” ou tabloide, mas apenas no tamanho “um terço de página”, que elimina toda a faixa superior da Sunday. Aí o motivo de alguns vazios, que dão a impressão de tiras puladas. Em maio ou junho deverá sair o volume 3 de “The Cisco Kid”. Esta série deverá continuar até o seu final, mas sempre há um ponto de interrogação. Em 2016 o Charles Pelto, por motivo de doença, publicou apenas o volume 15 de “On Stage”. Vamos ver agora em 2017.

Eu já havia notado aquela faixa superior da página dominical de “Spider-man”. Uma meia dúzia sempre se repetindo de maneira irritante. Fácil de entender. Nenhum jornal americano publica essas Sundays em seu formato completo. É sempre sem a faixa superior. Como o “syndicate” exige que a página dominical seja feita de maneira completa, aquela faixa superior nada traz ou acrescenta à história. Tudo repetição. Nenhum jornal mesmo publica a Sunday completa. Alguns títulos do King Features, ainda na década de 1970, já nem mesmo eram produzidos de forma completa. Aquela faixa superior, geralmente com o título, deixou de existir até mesmo na prancheta de desenho do desenhista. Páginas dominicais como Johnny Hazard, Flash Gordon, Mandrake e outras eram construídas com apenas duas faixas de desenhos. E os jornais, se assim quisessem, ainda podiam retirar mais dois quadrinhos delas. Triste fim para aquelas páginas dominicais grandiosas do passado que ocupavam a página inteira, ou metade dela, nos jornais.

Eu já tinha percebido a repetição daquele segundo quadrinho em uma das Sundays de Tarzan no quarto volume. A IDW teve dificuldades para conseguir páginas dominicais completas de Tarzan de Manning e do Batman (década de 1960, começo de 1970). Se a série de Steve Canyon conseguir entrar na década de 1980, a IDW terá mais uma dor de cabeça pela frente.

***Luiz, aproveito para fazer alguns comentários sobre o Flash Gordon de Dan Barry. É interessante que aquele começo da tira bem realista logo tenha se perdido. No primeiro volume (da Titan Books) já aparecia um monte de marmeladas, mas este segundo volume ganhou longe. Todo aquele preparativo para enviar uma nave a Júpiter da primeira aventura, com trajes espaciais, etc. foi tudo jogado fora. Agora, nessas aventuras do segundo volume, se vai a qualquer parte do universo num estalo. E isso mesmo sem a ajuda do paranormal que já apareceu no primeiro volume fazendo mágica. Boa parte das histórias são constrangedoras em relação a um mínimo de lógica. No texto inicial do segundo volume, há uma boa explicação sobre essas marmeladas dessa fase. Segundo o autor do texto, a partir de 1958 os roteiristas da série passaram a ser escritores de ficção científica e então os roteiros ficaram mais cuidados. Ou seja, ainda tem um terceiro volume de marmeladas antes das histórias ficarem boas. Em relação aos desenhos, mesmo nesse início o Dan Barry já deixava a cargo de outros. O traço de Paul Norris deu para perceber bem, mesmo ele tentando disfarçar. Outros, dá para perceber que são outros, mas não sei dizer quem. De qualquer forma, apesar das marmeladas e da variedade de artistas, é uma tira bem cuidada.***

Concordo inteiramente com seus comentários sobre o Flash Gordon de Dan Barry. Aquele início, o primeiro episódio de 1951, prometia uma visão mais realista do personagem e dos argumentos. Após 17 anos de pura fantasia nas páginas dominicais, Dan Barry pareceu adentrar o caminho mais real para o gênero ficção científica, livrando o personagem daquelas tramas já repetitivas de uma fantasia que se tornara cansativa. Raymond, Briggs e Mac Raboy eram grandes desenhistas e visualizaram Flash Gordon de forma correta, mas os roteiros de Don Moore eram fracos. A fase de Alex Raymond foi melhor, pois o desenhista mudava e melhorava os roteiros de Moore. No entanto, os anos de Briggs e Mac Raboy pecaram pelos roteiros obsoletos e carregados de fantasia exagerada. Dan Barry parecia a promessa de uma revitalização do personagem, porém tudo ficou apenas na promessa.

Com a entrada de Harvey Kurtzman em abril de 1952, segundo episódio, tudo voltou ao esquema de fantasias absurdas, um monte de marmeladas, como você mesmo disse. A partir daí, roteiristas diversos (Robert Kanigher, Bill Finger, Jan Sand, etc.) aliados a inúmeros assistentes para Dan Barry desfiguraram aquele Flash Gordon de 1951, que tanto prometia. É verdade que Harry Harrison, escritor de ficção científica, deu um pouco de credibilidade ao título de 1958 a 1970, mas as tiras de Flash Gordon já tinham adentrado o caminho da fantasia irreal e absurda e seria muito difícil uma transformação mais drástica no personagem.

A Titan está anunciando a continuação da coleção de Flash Gordon, páginas dominicais. O volume 7, pulando toda a fase de Mac Raboy (já publicada pela Dark Horse) trará os anos iniciais de Dan Barry nas Sunday pages.

Pelos encartes do “QI” venho observando a grande admiração que o Carlos Gonçalves tem pelo gênero faroeste. Seus artigos são bem fundamentados e muito informativos, principalmente para a nova geração que quase desconhece o gênero, hoje esquecido pelas Histórias em Quadrinhos, pelo cinema e pela televisão. Entre os novos leitores de Quadrinhos, raros são aqueles que conhecem ou já ouviram falar de Roy Rogers, objeto do encarte do “QI” 143. Com o término da Segunda Guerra em 1945, a maioria dos heróis das Histórias em Quadrinhos, todos engolidos de corpo e alma no combate a japoneses, alemães e sabotadores, começaram a se sentir obsoletos. As editoras americanas de comic books precisavam urgentemente de novos personagens e de novos temas para suas revistas. O Velho Oeste surgiu como um dos salvadores da pátria. O gênero faroeste foi quem conseguiu manter acesa a chama dos comic books americanos de forma mais robusta. A partir do final da década de 1940 e durante toda a década seguinte, além da criação de inúmeros personagens novos (Cavaleiro Negro, Flecha Ligeira, Kid Colt, etc.), as editoras americanas licenciaram os cowboys das velhas matinês para suas revistas em Quadrinhos. Assim, os gibis americanos (como também os brasileiros) foram inundados por nomes de carne e osso em centenas e centenas de proezas, todas tentando imitar as suas façanhas do cinema. Gene Autry, Roy Rogers, Tim Holt, Rocky Lane, Rex Allen, Bill Elliott, Johnny Mack Brown, Buck Jones, Monte Hale, atores de quem ninguém mais se lembra, inundaram os comic books americanos. Quando esses cowboys se aposentaram no cinema, foi a vez da televisão apresentar o Velho Oeste em suas séries, com novos heróis, que tomaram conta das revistas: Matt Dillon, Cheyenne, Maverick, etc. Tudo era sucesso naquela década de 1950 e as vendas das revistas eram bastante expressivas. Não só nos Estados Unidos, mas também no Brasil, onde Ebal e RGE vendiam milhares de exemplares de seus gibis com histórias de faroeste todos os meses. Mas o tempo muda os gostos e o western já se foi, pertence a uma outra época. Deixou muita saudade entre os veteranos, sem dúvida alguma.

Ainda sobre uma outra matéria do encarte do “QI”, sobre Buffalo Bill, também de Carlos Gonçalves. Na década de 1950, a revista “Búfalo Bill Magazine” da RGE era um grande sucesso. Pelo menos do nº 1 ao 17, quando eram as tiras diárias desenhadas por Fred Meagher. Muitos leitores choraram com a morte da índia Blue Bird (aqui chamada de Águia Branca) naquele fatídico nº 17. Depois daí a revista “Búfalo Bill” já não era mais a mesma. Perdera a importância e os leitores. Muitos desenhistas, histórias fracas e inexpressivas. Tudo muito distante daquilo que os leitores conheceram nos primeiros dezessete números. O Buffalo Bill de Meagher era diferente. O herói era mais humano e menos poderoso e infalível, havia índios maus e bons (estes mostrados com dignidade), havia até mesmo alguns pequenos toques de humor. Um belo título das tiras diárias de jornal que merecia uma reedição completa em forma de álbum de luxo, como tem acontecido com inúmeros outros títulos nos Estados Unidos. Infelizmente, parece que são muito poucos que ainda se lembram de Fred Meagher e seu Bill Cody.

***De fato, Carlos tem escrito vários textos sobre cowboys. Há um pronto sobre Red Ryder e outro sobre o Pequeno Xerife. O Carlos também tem escrito sobre autores portugueses de HQs, mas esses eu tenho deixado de lado, por enquanto, pois são autores pouco conhecidos no Brasil. No futuro, quem sabe?***

Vou comentar apenas alguns assuntos, continuação dos anteriormente tratados e publicados no 'Fórum', especificamente o desenho fora dos quadros de Caniff e as variantes de continuidade nas tiras. Luiz Antônio Sampaio comentou que: "Os desenhos além dos limites dos Quadrinhos (...) não eram feitos por Milton Caniff, mas sim por algum desenhista do syndicate distribuidor. Aqueles desenhos eram completados (ou aumentados) para que possibilitassem a mudança da página dominical feita por Caniff para outro formato. As sunday pages de Steve Canyon, fossem elas no formato tabloide, meia página, um terço de página, nunca eram iguais. Sempre havia cortes ou aumentos nos desenhos, tudo feito pelo syndicate e não por Caniff."

Lendo isso, fiquei na dúvida, pois o que eu tinha dito antes sobre os desenhos serem dele era "de memória" – mas como achar a referência, agora? Meus exemplares de "Caniffites" e outras obras que poderiam ajudar, no momento não estão disponíveis para consulta, então procurei achar algo sobre o assunto...

Eis o que disse Diego Cordoba numa crítica dos livros de Steve Canyon da IDW/LOAC em 2012:

"As tiras: durante a Segunda Guerra houve falta de papel, muitos jornais tiveram que reduzir seus tamanhos. Assim, as tiras teriam que ser também reduzidas, ainda que somente a parte inferior das tiras fosse cortada. Os artistas tiveram que ficar atentos a isso, desenhando suas tiras no seu tamanho usual (geralmente 2,5 vezes maior do que o impresso), sabendo que cerca de uma polegada (2,5 cm) da parte inferior de sua arte original seria cortada. Isso permitia que as tiras fossem impressas em seu formato original, e outras no formato "cortado". Como comparação, a recente reimpressão de Johnny Hazard apresentou o formato cortado, assim como a maioria das versões de Steve Canyon da editora Checker. Este livro da IDW apresenta o formato original (não cortado) das tiras. As tiras diárias normalmente tinham o nome da série impresso acima de cada tira, embora alguns jornais preferissem adicionar o nome da série dentro da tira, no topo esquerdo do primeiro quadro. Por isso os balões do primeiro quadro de cada tira são colocados levemente abaixo da margem superior, deixando espaço para os jornais acrescentarem o nome da série."

"As páginas dominicais: aqui as coisas são mais complicadas e têm trazido alguma confusão, se Caniff trabalhou no formato página inteira ou no formato meia página. Fotos de Caniff arte-finalizando uma meia página levaram muitos a acreditarem que este era o formato que ele usava. Os poucos originais que restaram também são nesse formato meia página. De fato, para "Canyon", assim como fez para a parte final de sua produção de 'Terry', Caniff trabalhou no formato página inteira, consistindo de quatro tiras por página. Uma vez com a arte-final feita, ele enviaria a página para o preparo das provas a serem enviadas para distribuição, aplicação de cores e para o próprio Caniff. Com sua arte original de volta, Caniff prepararia a versão meia página. Ele cortaria os quadros de seu original tamanho completo e os colaria em outra página no formato paisagem, com três tiras por página. Normalmente o tamanho e o número de quadros são os mesmos nos dois formatos, no entanto na meia página, a parte inferior dos quadros é aparada, mas com arte adicional nas laterais. Para preparar os diferentes formatos para as páginas dominicais, Caniff imaginou um método peculiar de desenhar sua página; ele completaria à tinta os desenhos além dos limites dos quadros. Assim, se a página necessitasse ser cortada, reformata, etc., ele poderia simplesmente usar uma das diferentes variantes com os desenhos fora dos quadros ou não, e assim obter a página completa, a meia página ou um terço de página. Isso pode também explicar as discrepâncias entre as páginas dominicais neste livro da IDW. Algumas páginas parecem mais compridas que outras."

Mas a resolução veio na "seção de debates" de um artigo de R.C. Harvey (historiador de HQs, autor da monumental biografia de Caniff, com quase 1.000 páginas, "Meanwhile"), para "The Comics Journal" em 2007, pois ali podemos achar:

Paul Chadwick disse:

"Por que Caniff, único entre os artistas de tiras, tanto quanto sei, desenha além dos limites dos quadros?"

R.C. Harvey disse:

"O desenho feito fora dos limites era uma sugestão para os artistas dos syndicates que deveriam reconfigurar a página para caber no tamanho tabloide (página inteira). Isso requeria que a arte em alguns quadros fosse estendida além do tamanho definido por Caniff e os caras do syndicate faziam esta extensão. Não conheço ninguém mais que fazia este tipo de coisa."

James disse:

"Caniff fez toda a série de modo que as páginas dominicais possam ser lidas sozinhas e fazerem sentido sem as tiras diárias, e, do mesmo modo, as tiras lidas como uma história completa sem as dominicais."

Robert Carlin disse:

"Olhando para a arte original de Caniff para as páginas dominicais de 'Terry', cada quadro foi desenhado num pedaço separado de prancha de ilustração e então colada numa prancha maior. As "extensões" da arte foram então desenhadas para cada quadro. Parece que os quadros separados não eram sempre largos o suficiente para caber no espaço alocado, daí as extensões."

*As várias citações acima foram enviadas por Alexandre em inglês, como estavam no original. Fiz a tradução, na qual certamente haverá falha, mas sem alterar o sentido, espero.*

Ou seja, parece que a resposta é "sim, e não": Caniff desenhava a página dominical, mas depois separava cada quadrinho e os colava numa meia página, e acrescentava linhas "estendendo" os desenhos para fora dos quadrinhos, como auxílio para os desenhistas do sindicato, se/quando eles precisassem ampliar esses quadrinhos para algum dos formatos usados por um jornal específico.

Isso confirma o que já tínhamos discutido sobre a arte das tiras de jornal, que sofriam (e sofrem ainda, cada vez mais) cortes, exclusões e ampliações: Na parte sobre as tiras diárias, é uma constante a necessidade do artista levar em conta que partes de cada quadrinho (algumas mas regularmente que outras), ou mesmo quadrinhos inteiros, serão cortados para a publicação num jornal.

Por coincidência, um dos comentários acima falou em outro aspecto que, creio, já discutimos antes: Além de 'quadrinhos dispensáveis' (como aqueles apresentados no "QI" 143, onde até 50% dos quadrinhos o são), há o aspecto de '2 fluxos de história', ou seja, quando havia tiras diárias E dominicais, às vezes as histórias eram independentes, e às vezes não (e, às vezes, isso mudava com o tempo!) – e quando a mesma história abrangia as tiras diárias e dominicais, geralmente o autor procurava apresentar as histórias de modo que tanto os leitores que só liam as diárias, quanto os que só viam as dominicais, e até os que tinham ambos, pudessem seguir a história sem grandes problemas!

Lembro da frustração que eu sentia, pois o jornal que líamos não tinha quadrinhos no domingo, e todas histórias com essa característica sempre ficavam com 'partes faltando': Dava para adivinhar o que devia ter acontecido na tira dominical, mas nunca daria para lê-la...

Ainda bem que, nessa mais recente 'onda' de republicações de quadrinhos de jornais (Terry, Steve Canyon, Dick Tracy, Li'l Abner, Phantom, Captain Easy, Buz Sawyer, On Stage, Little Orphan Annie, etc.), tanto as tiras diárias quanto as dominicais têm sido incluídas, em certo grau quando havia a continuidade, e até frequentemente em cores nestas últimas.

Faltou comentar que até os anos 70, muitos jornais no Brasil não eram publicados todos os dias da semana, com impactos sobre as tiras de quadrinhos também; p. ex., pelo que lembro, em São Paulo, "O Estado" e a "Folha da Manhã" não saíam na segunda, e o "Jornal da Tarde" e as "Folhas da Tarde/Noite" não saíam no domingo (posteriormente, com a fusão das 3 Folhas na "Folha de S. Paulo", e a incorporação do "JT" pelo "Estado", isso acabou).

Creio que, para textos longos, manter as quebras em parágrafos originais (que, imagino, você elimina para poupar espaço) ajude na compreensão (e mesmo na receptividade: Deparados com um parágrafo de 50 linhas, muitos pensam duas vezes antes de mesmo tentar a leitura).

Finalmente fiz um post sobre o “QI” (na verdade só fotos e o link bem abaixo para quem quiser visitar a versão online do seu fanzine.

<http://agaqueretro.blogspot.com.br/2017/02/edgard-guimaraes-e-seu-qi.html>

Estou com um projeto em vista, um livro que trata dos Quadrinhos no Brasil (e só no Brasil) no século XIX (possivelmente estenderei ao início do século XX, mas já estou com bastante arquivo). Gostaria de dicas para tratar de direitos autorais, contatos com familiares, etc.

Por exemplo, se eu for publicar este livro (que contará com aproximadamente 300 HQs do século XIX no Brasil – incluindo trechos de Nhô Quim e Zé Caipora) e resolver publicar uma única página de Hilarão Teixeira ou uma única página de J. Carlos, eu terei que solicitar a autorização por os autores ainda não estarem em domínio público, ou uma única página de cada autor não configuraria uso indevido de imagem? Se não for possível, penso em publicar apenas os que estão em domínio público.

Segue o projeto do livro “Nascimento dos Quadrinhos no Brasil (de 1855 até...)”, com HQs dos seguintes artistas, nesta ordem cronológica (alguns nomes de artistas ainda estão em complementação).

Sebastien Auguste Sisson (1855) – Henrique Fleiuss (1860) – Ernesto Augusto de Souza e Silva (1861) – A.C. (1863) – Joseph Mill (1864) – Angelo Agostini (1864) – Cândido Aragonez de Faria (1866) – João Pinheiro Guimarães (1868) – V. Mola (~1868) – A. P. (1870) – Antônio Augusto do Vale de Souza Pinto (1870) – Luigi Borgomainerio (1874) – Arthur Lucas (1874) – Aluísio Azevedo (1876) – Raphael Bordallo Pinheiro (1877) – A. P. Caldas (1878) – C. Ferreira (1878) – João Afonso do Nascimento (1879) – Foligomio Mag (1881) – Bromeli (1881) – Y. C. (1881) – Francisco Hilarão Teixeira da Silva (1881) – Dóra (1881) – Gavarni (1885) – Belmiro (1886) – Antônio Bernardes Pereira Netto (1886) – R. Lima (1887) – A. B. (1887) – Narciso Antônio Figueras Girbal (1881) – Teixeira da Rocha (1889) – D’All’Ara (1889) – Gustavo Kali (1889) – Oscar Pereira da Silva (1889) – Nicephoro Moreira (1895) – Julião Felix Machado (1895) – A. Castaño (1895) – A. Junior (1896) – Rato (1898) – A. Santos (1898) – Raul Paranhos Pedemerais (1899) – Calixto Cordeiro (1899) – Alfredo Cândido (1902) – H. Possiegür (1902) – Helios Seelinger (1902) – J. Carlos (1902) – Alfredo Storni (1903) – Vasco Machado de Azevedo Lima (1903) – Caran D’Ache da Silva (1904) – Cicero Valladares (1904) – Leonidas Freire (1904) – Mário de Barros (1904) – Refosteto (1904) – Augusto Rocha (1906) – Olavo Bilac (1910) – Voltolino (1911) – Álvaro Marins (1911) – Mauricio Wellisch (1916) – Cardona (1924) – Campofiorito (1924) – Manolo (1926) – Benedito Carneiro Bastos Barreto (1926).

Este último, o Belmonte, não pode faltar, estará em domínio público em 2018, ainda estou pesquisando a data inicial das HQs dele, mas deve ter sido algum ano da década de 1920.

*Antes de mais nada, parabéns pela iniciativa do livro.*

*Vou lhe dizer o meu entendimento sobre a Lei de Direito Autoral brasileira. Mas isso não significa que algum advogado ou algum juiz não possa interpretar diferente, como tantos têm feito (veja o caso do livro sobre Roberto Carlos, que permanece proibido). Pela lei, sempre segundo minha interpretação, os trabalhos jornalísticos ou científicos ou históricos podem reproduzir partes (ou mesmo o todo) de um trabalho, sem pedir autorização ao autor, já que a reprodução faz parte da reportagem ou do estudo e é necessária ao entendimento do texto. Se for um texto analisando um poema, por exemplo um soneto, é claro que todo o soneto poderá ser incluído, pois não dá para fazer a análise sem a apresentação da obra. No seu caso, imagino que cada trecho da obra terá o acompanhamento de um texto sobre a obra e o autor. Então, no meu entender, se encaixa muito bem na categoria estudo, trabalho histórico ou científico, e não há necessidade de autorização.*



Darei minha opinião, meramente especulativa, baseada na forma como eu faria. É provável que Caniff pensasse cada página no formato página inteira, como a mostrada no alto. Na hora de desenhar, poderia dividir os desenhos em folhas separadas. A mudança dessa página inteira para meia página horizontal normal não implicaria em cortes, pois Caniff já fazia a divisão dos quadros de modo que essa reformatação é muito simples. Na página acima, os 2 quadros da primeira tira mais o 1º quadro da 2ª tira formam a 1ª tira horizontal. Os 2 quadros restantes da 2ª tira mais os dois primeiros da 3ª tira formam a 2ª tira horizontal. E o último quadro da 3ª tira mais a 4ª tira formam a 3ª tira horizontal. O problema é que havia jornal que queria essa meia página com altura menor. Como já mencionado, o syndicate simplesmente cortava um pedaço, ou da parte inferior de cada tira, ou da parte superior. E os desenhistas simplesmente não desenhavam nada importante nessas faixas, sabendo que seriam cortadas. Caniff, pelo visto, preferia deixar excessos de desenho nas laterais dos quadros (não todos, apenas alguns mais críticos, como os das beiras das páginas). E esse excesso não era feito depois por Caniff ou outro desenhista. Caniff fazia isso no momento em que produzia a página (ou cada quadro). É fácil ver na página acima que o desenho em excesso continua naturalmente o desenho de dentro do quadro. E arrisco um palpite, ele não passava tinta nas bordas laterais dos quadros, como aparecem nos quadros acima. Deixava essas bordas marcadas com tinta azul (que não aparece quando fotografada) e os artistas do syndicate completavam a borda com tinta preta nas duas (ou mais) variações da meia página.

## CARLOS RICO

Praça Sacadura Cabral – S. Gráfico – Moura – 7860-207 – Portugal

Convido-vos para o lançamento do meu último álbum de Banda Desenhada com a biografia de um mourense de eleição: José Coelho, músico e compositor cuja obra mais conhecida é o Hino a N.S.º do Carmo, tocada em todos os pontos do país e não só. Será no próximo sábado, dia 1º de abril, na Feira do Livro de Moura. A edição é da Câmara Municipal de Moura. A seguir ao lançamento, haverá um concerto com a Banda da Sociedade Filarmónica União Mourense “Os Amarelos”. E à noite, um outro concerto com os... Virgem Suta!

## JOSÉ MAGNAGO

R. Jerônimo Ribeiro, 440 – Cach. de Itapemirim – ES – 29304-377

Recebi o “QI” 143, sempre bem vindo e sempre ótimo. Uma capa fabulosa, legal, colorida, de encher os olhos. Maravilha. Parabéns. O conteúdo está ótimo, tudo perfeito. Recebi, também, junto ao “QI” 143, o ótimo nº 5 de ‘Artigos sobre HQs’ falando de Roy Rogers e Dale Evans, cujos gibis sempre li e sempre gostei, e que me trazem muitas recordações, principalmente das capas... esse suplemento foi escrito por Carlos Gonçalves, um de seus colaboradores e muito bem feito, com ótimas informações, fotos e capas e páginas de HQs. Tudo ótimo. Matéria excelente.

## QUIOF THRUL

quioft@gmail.com

Acho que encontrei uma possível origem para a arte de Murphy Anderson em “Planet Comics” nº 50, trata-se de uma edição de “Thrilling Wonder Stories” publicada na primavera (no hemisfério norte) de 1944 pela editora de Ned Pines (que usou diversos nomes como Better Publications). A capa de Earle K. Bergey ilustra a novela ‘Star of Treasure’ de Charles W. Harbaugh, há uma arte interna de um artista não identificado.



Alexandre Yudenitsch e Luiz Antônio Sampaio perguntam se alguém tentou listar os nomes de personagens no Brasil. Há um artigo de Nano Souza no site HQManiacs chamado ‘Cavaleiro Solitário e Zorro – Uma Confusão Brasileira’ de 08/08/2013.

Souza cita os nomes Guarda Vingador (no primeiro seriado do herói da Republic), Justiciero Mascarado, Kid Roger e Cavaleiro Mascarado e cita que “O Globo Juvenil” foi o primeiro veículo a chamá-lo de Zorro em 1938. De acordo com Antonio Carlos Gomes de Mattos, ex-“Cinemim”, o seriado só estrearia no ano seguinte, o que explica os nomes diferentes. Na sequência, “The Lone Ranger Rides Again”, o nome ficou “A Volta do Cavaleiro Solitário”, ou seja, o segundo nome também é antigo. A confusão pode ter ficado maior por causa da mesma Republic. Robert Livingston interpretou Zorro em “The Bold Caballero” (1936) e Lone Ranger em “The Lone Ranger Rides Again”.

Ele também foi um outro cowboy mascarado em “The Vigilantes Are Coming” (1936). Em 1949, Clayton Moore fez um cowboy que era um descendente do Zorro em “The Ghost of Zorro” e foi convidado para ser o Lone Ranger na TV. Em texto sobre a Ebal publicado no site UniversoHQ, ‘Ebal 60 Anos: Uma Celebração’ (31/03/2005), Toni Rodrigues lembra que em “Zorro’s Fighting Legion” (“A Legião do Zorro” por aqui) de 1939, Don Diego/Zorro está mais para um cowboy de western do que um espadachim, sem falar que possuía um cavalo branco. Outros cavalos brancos aparecem na série da Disney e no desenho ítalo-japonês “A Lenda do Zorro”.

A produtora Republic ainda fez “Zorro Rides Again” (1937) e “Son of Zorro” (1947), fora seriados inspirados no Zorro como “Zorro’s Black Whip” (“O Chicote do Zorro” por aqui) de 1944 (que tinha Zorro apenas no nome). Há quem diga que por perder os direitos para a Disney, a Republic lançou “Don Daredevil Rides Again” (1951), “Man of Steel Whip” (1954), nos dois foram usadas cenas de “Black Whip”.

Acontece que muitos desses filmes e até outros foram rebatizados como Zorro pela semelhança, seja por ter lutas de espadas quanto por terem personagens mascarados. Na Europa e no México, tiveram vários filmes de Zorro sem qualquer licença, sem falar em pastiches como “El Águila Negra” e “El Látigo Negro”.

O filme “Senhorita” (1927) estrelado por Bebe Daniels, ficou conhecido em Portugal como “A Neta do Zorro” e na Espanha, “La Nieta del Zorro”. Nele, Daniels se disfarça de homem e usa uma roupa parecida com a usada pelo Douglas Fairbanks em “Zorro”, mas sem a máscara. O filme é considerado perdido, no site da Hemeroteca Digital Brasileira, é possível achar matérias sobre o filme nas revistas “Cinearte” e “A Cena Muda”.



Na Argentina, o filme “Ridin’ the Trail” (1940), estrelado por Fred Scott, recebeu o nome “El Zorro Negro”. Nele, Scott interpreta um cowboy mascarado.



Na Itália, o filme “King of the Bullwhip” (1950), estrelado por Lash LaRue, foi chamado “Le Pistole di Zorro”. Nele, LaRue enfrenta um vilão mascarado chamado El Azote, que lembra o Zorro. Há uma disputa de chicote entre os dois. Uma adaptação em Quadrinhos por Bob Powell foi publicada pela Fawcett em “Fawcett Movie Comic” nº 8 em dezembro de 1950. Talvez tenha saído aqui como Don Chicote. Há quem diga que os filmes de Lash LaRue nunca foram lançados aqui, apenas os Quadrinhos.





Também na Itália, “The Bandit Queen” (1950), estrelado por Barbara Britton, virou “La Figlia di Zorro”. Britton interpreta uma heroína mascarada auxiliada por Joaquin Murietta. Lembra um pouco “The Black Whip”. Aqui saiu como “A Filha do Zorro” na revista de fotonovela “Colt 45” nº 6 em 1962.



Aqui, o filme mexicano “La Marca del Zorrillo” (1950), estrelado por Germán Valdés, o Tin Tan, virou “O Filhote de Zorro”. O filme é uma paródia ao Zorro com Fairbanks. Zorrillo é um animal da mesma família do gambá (que, aqui, por conta dos desenhos animados e quadrinhos, acaba sendo confundido com o gambá).



Até mesmo os filmes da Republic foram rebatizados. Na França, “The Vigilantes Are Coming” foi chamado de “Zorro L’Indomptable”; “Don Daredevil Rides Again”, de “Zorro Le Diable Noir”. “Man with a Whip” virou “Zorros Schatten” na Austria.

Sem falar num filme baseado em uma outra história de Johnston McCulley, “Rose of Rio Grande” (1938), com John Carroll, que virou “El Nuevo Zorro” na Espanha e “O Novo Zorro” em Portugal.

O site Benito Movie Poster traz diversos posters ao redor do mundo e aparecem vários desses filmes renomeados como Zorro.

O site Bandas Desenhadas de Portugal cita os nomes O Mascarilla, Bronco Bustin, Máscara Negra e também Zorro (por conta das edições da Ebal).

Justiciero Mascarado foi usado no filme “The Lone Ranger” de 1956, estrelado por Moore e Jay Silverheels. O segundo “The Lone Ranger and the Lost City of Gold” (1958) teve os nomes “Zorro e o Ouro do Cacique” e “Zorro e a Cidade de Ouro Perdida”. Somente nos anos 80, resolveram chamá-lo de Cavaleiro Solitário de novo com o lançamento do filme de 1981 e o desenho animado da Filmation, em que o herói dividia espaço como o Zorro.

Curiosamente, uma HQ francesa de Zorro por André Oullie (que acredito que tenha sido inspirada nos seriados da Republic) chegou a ser publicada em Portugal como O Mascarilha na “Coleção Alvo”. Aqui saiu em 1955 no suplemento de quadrinhos do jornal “Última Hora” como Zorro mesmo.

A Ebal aproveitou o nome para publicar os dois Zorros (incluindo produção local) e um italiano, impedindo a Abril de publicar uma revista solo com histórias da série da Disney (que também teve produção nacional).

A Disney não lançou uma quadrinização do filme do Lone Ranger de 1938, mas a Panini italiana publicou uma paródia chamada “The Top Ranger”. Aqui, saiu pela Abril como ‘O Rato Solitário’, e em Portugal, pela Goody S/A, como ‘O Rato Mascarilha’.

O formato alongado que Lio Guerra Bocorny citou, foi apelidado como formato língua pelos colecionadores.

Quanto à foto da Carmen Lúcia no “QI” 141, também lembrei do Darth Vader. Vader é comparado com Doutor Destino, vilão do Quarteto Fantástico, mas também tem similaridades com The Lighting, vilão do seriado da Republic “The Fighting Devil Dogs” de 1938, que, segundo Antônio Carlos Gomes de Mattos no seu livro “A Outra Face de Hollywood: Filme B”, publicado em 2003 pela Rocco, recebeu o nome de “Demônios em Luta” no Brasil. George Lucas nunca confirmou ou desmentiu, mas sabe-se que era fã dos seriados das matinês, sobretudo os da Republic. Ralph McQuarrie, artista responsável pelos concepts, deve ter visto o seriado para se inspirar.

Doutor Destino por John Byrne numa pose similar. Essa imagem (de The Lighting) lembra bastante Dart Vader.



---

**ANDRÉ CARIM DE OLIVEIRA**

R. Vicente Celestino, 56 – Carangola – MG – 36800-000

---

Estou com intenção de resgatar também o “Fanzine Ilustrado”, mas para esse projeto terei uma forma diferente de publicar... irei, a cada edição desse fanzine, lançar material antigo e/ou atual de determinados artistas... o primeiro virá somente com material do Nei Lima e deve sair até abril... já convidei alguns mestres dos Quadrinhos para participar e gostaria de te convidar também... Se você topa, separa material de até umas 50 páginas, daqueles que são seus favoritos, para que possamos fazer uma edição autoral com você também... espero que queira participar de mais esse projeto. Inclusive, seria legal você elaborar uma capa e contracapa atuais para a sua edição, também uma biografia para constar da edição e se quiser, uma breve descrição de cada trabalho que enviar.

Obrigado pelo envio do “QI” 143, legal a capa colorida... vou fazer a resenha dele pro “Múltiplo” 6, de abril. O “Múltiplo” 5 já está no Clube de Autores. Não sei se te informei, mas estou juntando interessados no “Múltiplo” de 1 a 4 para mandar fazer na gráfica, já consegui mais da metade necessária para mandar fazer... caso alguém queira o combo com os 4 primeiros números, está saindo a R\$ 36,00. Mais para frente irei fazer outros combos com os seguintes... Ah, teremos mês que vem o zine com uma entrevista com o Gazy Andraus... e em setembro uma com o Bira Dantas.

---

**MARCOS FREITAS**

atomiceditora@gmail.com

---

“Quadrinhos 14 – 30 Anos” – tô programando para junho. Se puder enviar alguma colaboração extra além da coluna fixa, fico agradecido. Pensei em falar de “Psiu” na coluna que relembra os zines... precisaria pequeno artigo sobre o mesmo, história, micro-entrevista, que faria, além de reprodução de capas... sobre os especiais também. Consegue me ajudar nessa seção? Outro assunto... Já pensou em reeditar os “Psiu” especiais? A forma poderia ser estudada, mas sou parceiro se quiser reimprimir como álbum estas pérolas... penso em coisas simples como 100 unidades, distribuição e venda com Worney e lucro 50% cada... você editor, eu como editora entrando com impressão... vê aí se interessa. O último assunto é que terei algumas entrevistas especiais no “Quadrinhos” 14... se puder enviar perguntas para Júlio Emílio Braz, Franco de Rosa e Luga, algumas para tornar a entrevista mais atraente.

---

**ALVIMAR PIRES DOS ANJOS**

R. S. Miguel Arcanjo, 346 – Campinas – SP – 13040-680

---

Desculpe a demora no depósito referente a 2017. Aconteceu um assalto aqui. Três marginais invadiram minha residência, fizeram um rapa, enfim, não ando muito animado. De bom, houve um contato da Universidade da Califórnia, e também da revista “Strip”, da Inglaterra. O “Gilvath” 7 já tá pronto, ltreirado, o 8 está arte-finalizado, inclusive a capa, faltando encaixar os ltreiramentos. O “Gilvath” 9 está escrito, quase preparado para a ilustração.

Grande abraço e força aí no “QI”, um dos poucos baluartes da HQ tupiniquim.

---

**LIO GUERRA BOCORNY**

R. Jerônimo V. das Chagas, 55/104 – Florianópolis – SC – 88063-660

---

Afirmo que o “QI” 142 foi um verdadeiro presente de fim-de-ano, pois este presente agora se repete na véspera de Carnaval, possibilitando que nesses dias agitados os apreciadores dos Quadrinhos tenham uma leitura muito agradável através do nº 143. Como muito bem colocaste no Editorial, as cartas do ‘Fórum’ valem por artigos. Nem vamos falar em Roy Rogers, o Rei dos Cowboys, de autoria de Carlos Gonçalves, pois dispensa qualquer comentário. Vamos aguardar o 144 como um presente de Páscoa.

*Lio, agradeço o novo artigo, já incluído neste número. Seus textos são sempre bem vindos.*

---

---

**ARTHUR ROCHA VANUCCI**

R. Balsamar, 428 – Belo Horizonte – MG – 31270-520

---

Meu nome é Maria Augusta e sou filha do Sr. Arthur Vanucci. Chegou recentemente uma carta sua para ele e nós a abrimos para ver de que se tratava. Infelizmente venho comunicar-lhe que meu pai faleceu em julho passado, vítima de um atropelamento perto de sua residência, no qual a condutora do veículo estava totalmente errada, conforme foi constatado pela perícia após visualização de imagens captadas por câmaras de segurança de uma residência em frente ao local do acidente. Por isso ele sumiu...

*Em primeiro lugar, os meus pêsames à família de Arthur Vanucci. Arthur entrou para minha mala direta em dezembro de 1992, ou seja, justamente quando comecei a fazer o “QI”. Salvo engano, Arthur foi “herdado” da lista de leitores do Valdir Dâmaso. Quando comecei a editar o “QI” e a distribuir fanzines de outros editores, o Dâmaso foi um dos primeiros a aceitar meus serviços e me enviou os endereços de seus leitores. Mandei a todos um impresso explicando meus projetos e que a partir daí faria a impressão e venderia os álbuns editados por Dâmaso. Arthur foi um dos primeiros a garantir sua permanência como leitor de Dâmaso nessa nova fase e continuou leitor do “QI” depois que parei de distribuir fanzines de outros editores. Foi leitor do “QI” desde o nº 1.*

---

**LUIZ CLÁUDIO LOPES FARIA**

Trav. Constantino Pinto, 21/12 - S. José dos Campos - SP - 12211-110

---

Quero parabenizar pelas matérias, ‘Fórum’, em destaque a matéria do herói brazuca Hydroman, ‘Cinema em Casa’ de E. Figueiredo, gostei muito, todos do “QI” 142, assim como também o encarte sobre Roy Rogers e Dale Evans, muito legal.

Este ano, depois de muitos contratemplos e problemas, consegui realizar um sonho de infância (jurei para mim mesmo realizar todos os meus sonhos de infância, pelo menos os sonhos possíveis), publiquei meu primeiro livro, “A Princesa Africana”, que está disponível para venda pelo site da editora All Print ([www.allprinteditora.com.br](http://www.allprinteditora.com.br)).

*Leonardo Pereira de Campos, relendo antigas revistas de Ken Parker, da editora Vecchi, achou esta carta, publicada no nº 11 da revista, em setembro de 1979. Enviou-me e reproduzo abaixo.*

**KEN PARKER SUPERA TEX**

**Começo parabenizando-os pelo lançamento desta excelente revista que é KEN PARKER. Esta revista, na minha opinião, superou inclusive o TEX. A começar pelo logotipo, que chama a atenção, é mais bem trabalhado, os nomes das histórias, que usam caracteres mais simples e vigorosos, até o acabamento geral da revista. Espero que esta revista vá em frente, e que EUREKA passe a mensal dentro de pouco tempo.**

**Edgard José de Faria Guimarães – Brasópolis – MG**

Caro leitor, ficamos muito satisfeitos quando recebermos uma carta como a sua, analisando os aspectos positivos de nossas histórias em quadrinhos e elegendo a melhor em sua opinião. Isto nos estimula a melhorar cada vez mais. EUREKA começará a sair regularmente, assim que for possível. Continue escrevendo, que teremos prazer em responder.

---

---

**JOSÉ AUGUSTO PIRES**

R. Dr. Carlos Mascarenhas, 107,4º Esq – Lisboa – 1070-082 – Portugal

Não sei se lhe interessaria publicar o meu álbum “As Asas da Coragem” – a 1ª Travessia Aérea do Atlântico Sul – Coutinho e Cabral (46 páginas a cores). Se quiser, é só dizer.

*Agradeço a oferta para que eu o publique. Não sei se é de seu interesse que eu o publique como fiz com “Buster”, em fascículos de 8 páginas em preto e branco (e tons de cinza) no formato meio ofício, encartado em 6 números do “QI”. Para mim seria ótimo presentear o leitores do “QI” com este seu trabalho.*

Eu fiz esta história em 2000 e foi publicada nesse mesmo ano nas “Seleções BD”, da editora Meribérica. Acontece que seis anos mais tarde, por anuência da Âncora Editora, comecei a refazer as páginas, agora com outra qualidade e metendo mais detalhes, pois meus processos informáticos também tinham melhorado. Mas a Âncora, por não ter encontrado patrocínio, desinteressou-se do projecto e eu já não me lembrava disso, pois posteriormente fiz outros quatro álbuns e seguiu-se o período frenético dos fanzines. Eu já não me lembrava de tudo isso, quando deparei com súbitas dificuldades. Ainda por cima a história só tem afinal 30 páginas, pois as 46 eram do segundo projecto, que não foi terminado. E estas últimas 15 páginas estavam processadas em outros programas que já estão obsoletos. Vi-me aflito para recuperar tudo, mas consegui ao cabo de inenarráveis esforços. O que acontece é que nestas o estilo é um bocadito diferente pois a forma como a fiz era diferente também. Mando-lhe uma dessas páginas para o amigo ver se lhe agrada.

Hoje o meu editor da Âncora Editora me telefonou sondando-me se eu estaria na disposição de fazer uma BD sobre o Capitão Pedro Teixeira. No Brasil ele é sobejamente conhecido pois foi por causa dele que a Amazônia hoje é brasileira. Por aqui, só quem sabe quem ele foi é o pessoal de Cantanhede, sua terra natal, onde está uma estátua dele! Vamos a ver se encontro ânimo para uma tarefa dessas!



---

---

**PEDRO JOSÉ ROSA DE OLIVEIRA**

R. Helianto, 53/101 – Belo Horizonte – MG – 30421-194

*Vou aproveitar para lhe pedir mais um favor, caso possa me atender. Você tem uma listagem com os nomes (e se possível datas) da coleção “Seleções Juvenis” da editora La Selva? No caso particular, meu interesse é saber em que números saiu o título “Oscario e Grande Otelo”.*

Para mim, as coleções mais difíceis de rastrear são as da La Selva, “Seleções Juvenis” e “Cômico Colegial”. Não tenho informações completas destas coleções, somente alguns poucos números avulsos. Mas é possível eu conseguir esta informação.

---

---

**PAULO RICARDO KOBIELSKI**

R. Carlos Gomes, 961 – B. Tupã – Alvorada – RS – 94824-380

Foi com imensa satisfação que recebi o “QI” 143. Como sempre, mantendo aquela qualidade. A começar pelos ‘Depoimentos’ do José Ruy, sempre oportunos. As ‘Experiências Malogradas’ do Lio Guerra Bocorny, resgatando HQs do passado, ótimo. O suplemento ‘Artigos sobre Histórias em Quadrinhos’ do Roy Rogers, demais. Parabéns ao trabalho de pesquisa do Carlos Gonçalves. Mas uma seção que me agrada cada vez mais é o ‘Fórum’. Pois permite uma ampla discussão acerca do mundo dos Quadrinhos jamais vista em outras publicações. Com muitas participações, e de qualidade nas abordagens. Parabéns.

---

---

**JOSÉ MENEZES**

R. Ingelhein, 272 – Petrópolis – RJ – 25675-540

Gratíssimo pelo envio do novo “QI” 143, como sempre rico em matérias relativas aos Quadrinhos. Muito bom o artigo sobre Roy Rogers e Dale Evans, bem como as observações sobre os títulos “aportuguesados” dos heróis, como sempre por Luiz Antônio Sampaio, um profundo estudioso sobre o assunto.

Conquanto no meu entender, se Rip Kirby foi estranhamente batizado de Nick Holmes, já outros tiveram melhorados seus nomes de origem, como Brucutu, no original Alley Oop, ou mesmo Li'l Abner por Ferdinando e Paífúncio e Marocas substituindo o difícil Bringing Up Father de George McManus. Em muitos casos, os direitos contratuais proporcionaram mudanças em edições tanto portuguesas como brasileiras. Assim, Brick Bradford era apresentado com o nome de origem nas páginas dominicais e Dick James nas tiras diárias. Pela mesma razão, Batman era publicado pela Ebal e Morcego Negro pelo “Globo Juvenil”. Essas modificações sempre existiram até mesmo no saudosos “Suplemento Juvenil” de Aizen e no “Gibi” e “Globo Juvenil” do Roberto Marinho, cabendo esse “batismo” a Djalma Sampaio e Wilson Drummond, redatores das publicações da Rio Gráfica.

Outro ponto constante da edição 143 foi o bom artigo evocando o Homem Lua de Malagola, bem como a revista “O Guri” com relação ao herói Astral, desenhado por Murphy Anderson. O “Guri” trouxe uma série de heróis espaciais, provavelmente devido ao sucesso de Flash Gordon; esta boa publicação não teve o sucesso que mereceria, mas nos proporcionou em duas edições mensais, Mary Marvel, Hopalong Cassidy, Joca Marvel (um coelho dotado de superpoderes) e as aventuras espaciais de Mysta, a Deusa da Lua, Futura (John Douglas) lutando contra Mentor, um alienígena dominador da Terra, Zandra (Murphy Anderson), Auro, Lord de Júpiter (Dick Charles), Mundo Perdido (John Evans) e outras aventuras espaciais com desenhos de Frank Frazetta, Al Williamson e Wood. Coube ainda a “Guri” publicar Capitão América, Loura Fantasma e a lendária Nioka. Para melhor ilustrar a importância de uma revista como foi, teve como diretores Austregésilo de Athayde, Nelson Rodrigues e Renato de Biase.

---

---

**AFNB – Associação Filatélica e Numismática de Brasília**

C.P. 6261 – Ag. W3 – 508 Asa Norte – Brasília – DF – 70740-971

Ficamos bastante agradecidos pela cortesia e atenção do prezado companheiro para com nossa entidade. Grato pela remessa do informativo produzido por V. Senhoria e amigos. Idem do anexo sobre o famoso cowboy Roy Rogers. Vamos copiar partes e distribuir no clube. Grato também por inserir nota de nosso membro Cleber e do nosso associado Sr. Lio Guerra Bocorny. Nosso clube continua com a campanha de buscar novos membros. Se porventura o companheiro indicar dois novos associados para a AFNB (basta pedir ficha que enviaremos), terá direito a um brinde de sua anuidade.

*A AFNB distribuiu entre seus associados cópias do artigo de Lio Guerra Bocorny, ‘Experiências Malogradas’, e da carta de Cleber José Coimbra, publicados no “QI” 143.*



## QUADRINHOS INSTITUCIONAIS

Francisco Filardi enviou a “Revista da Cultura” nº 109, produzida pela Livraria Cultura, com matéria sobre o quadrinhista Marcelo D’Salete; a revista promocional “Horácio” com HQs do personagem, produzida pela Tok&Stok. Paulo Joubert Alves enviou a cartilha ilustrada “Trocando Ideias sobre Sexo”, feita pela Prefeitura de Belo Horizonte; a cartilha ilustrada “Solução Pacífica de Conflitos”, feita pelo Governo de Minas Gerais; a cartilha em Quadrinhos “Fique Vivo!”, sobre os cuidados com a chuva, feita pela Prefeitura de Belo Horizonte; a revista infantil com HQs “Recrutinha”, feita pelo Centro de Comunicação Social do Exército; a cartilha ilustrada “Cartilha Plebiscito Constituinte”, feita pelo Plenário Nacional dos Movimentos Sociais; a cartilha em Quadrinhos “Gincana da Amizade”, feita pelo Ministério Público de Minas Gerais; a cartilha ilustrada “O Olho do Consumidor”, feita por Ziraldo para o Ministério da Agricultura; a cartilha ilustrada “Como Evitar Acidentes com Escorpiões”, feita pelo Governo de Minas Gerais.



## Divulgação do “QI” 143 feita por CESAR SILVA em seu blog: <http://mensagensdohiperespaco.blogspot.com>

Está circulando o número 143 do fanzine “Quadrinhos Independentes – QI”, editado por Edgard Guimarães, dedicado ao estudo dos Quadrinhos destacando a produção independente e os fanzines brasileiros. A edição tem 32 páginas e traz a sequência do depoimento de José Ruy sobre o periódico português “Tintin”, artigo de Lio Guerra Bocorny sobre algumas experiências editoriais da Ebal nos anos 1960, e Quadrinhos de Chagas Lima, Luiz Cláudio Lopes Faria, Eduardo Marcondes Guimarães e do editor. Completam a edição as colunas ‘Mantendo Contato’, ‘Fórum’ e ‘Edições Independentes’ divulgando os lançamentos de fanzines do bimestre. A capa tem uma ilustração do editor, colorizada manualmente.

Junto à esta edição, os assinantes recebem ‘Artigos sobre Histórias em Quadrinhos’ 5: ‘Roy Rogers/Dale Evans’, fascículo de 12 páginas com um estudo de autoria do colecionador português Carlos Gonçalves, com muitas e belas capas de edições raras desses populares personagens.

O “QI” é distribuído exclusivamente por assinatura, mas sua versão digital estará disponível em breve no site da editora Marca de Fantasia ([www.marcadefantasia.com](http://www.marcadefantasia.com)). Algumas das edições anteriores recentes podem ser lá encontradas.

## Divulgação do “QI” 143 feita por MARCOS FREITAS em seu blog: <http://atomiceditora.blogspot.com.br>

A seção de cartas ‘Fórum’ é o grande destaque como sempre, com longas missivas recheadas de informações. Dentre os assuntos discutidos, vou ressaltar dois. Henrique Magalhães (editora Marca de Fantasia) nos informa que está em começo de trabalho as digitalizações de antigas edições do “QI”. É uma notícia excepcional para os fãs de Quadrinhos. Este fanzine é uma das maiores enciclopédias de informação de respeito sobre HQ. Não menos importante a recente aquisição feita pelo Ranieri Andrade, nada mais nada menos que toda a coleção do saudoso Valdir Dâmaso. Dentre as preciosidades contidas em 23 caixas, claro, toda a coleção do inesquecível “Jornal da Gibizada”, fanzine de nostalgia que ele editou com esmero por anos, inclusive com algumas edições inéditas.

## Divulgação do “QI” 143 feita por ANDRÉ CARIM em seu blog: <http://multiplozine.blogspot.com.br>

Mais uma edição de um dos fanzines que demonstram resistência ao longo do tempo. Edgard Guimarães continua nos mostrando fôlego de gigante em mais uma edição repleta de divulgação, ilustrações, tiras e artigos importantes do mundo dos Quadrinhos. A edição começa com um depoimento de José Ruy sobre “Tintin”. Há um bom número de textos além desse depoimento: artigo de Lio Guerra Bocorny, coluna de Worney Almeida de Souza e a resenha de César Silva. A seção ‘Fórum’ mais uma vez com uma ótima quantidade de cartas que, assim como o editor define, valem por artigos, devido à forte participação e discussão dos leitores do informativo. Nas HQs e cartuns temos a participação de Eduardo Marcondes Guimarães, Rogério Curial e Paulo Anjos, Chagas Lima, Luiz Cláudio Lopes Faria e Guilherme Amaro. Ampla divulgação de edições independentes, o “QI” do amigo Edgard demonstra mais uma vez todo o seu apoio às edições lançadas e publicadas no país. Para finalizar, Carlos Gonçalves nos apresenta com mais dois estudos sobre Roy Rogers e Dale Evans, apresentados na forma de mais um belo encarte intitulado ‘Artigos sobre Histórias em Quadrinhos’.



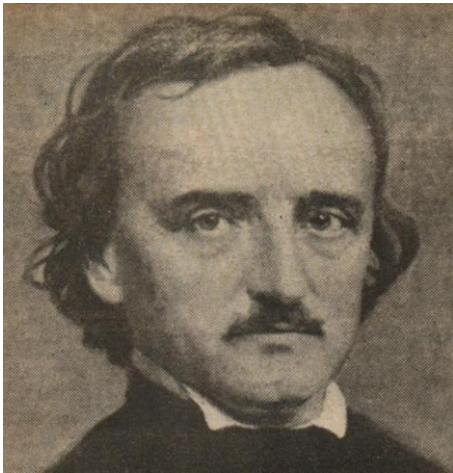
# MANTENDO CONTATO



ESPAÇO DE PALPITOLOGIA DE WORNEY ALMEIDA DE SOUZA (WAZ)

## EDGAR ALLAN POE E OS QUADRINHOS

A curta e desesperada existência do escritor americano Edgar Allan Poe originou uma inesgotável fonte de novelas, contos e poemas que influenciaram a literatura mundial. Inspirando autores como Maupassant, Baudelaire e Dostoiévski, Poe definiu o conceito de conto, especialmente os chamados contos policiais, os de horror e os da ficção científica. Em apenas 40 anos de vida terrena, Allan Poe foi consumido pelo álcool, pelo ópio e por um talento admirável em criar histórias que rasgam as profundezas da alma humana, seus medos e suas ilusões.



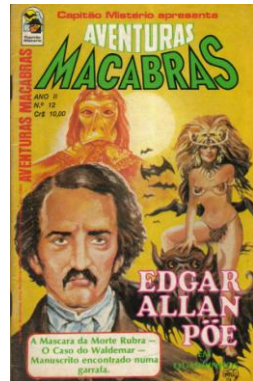
Apesar de mais de 168 anos depois de sua morte, Allan Poe ainda é considerado um dos mais importantes escritores da literatura inglesa. Suas palavras e ideias são imortais e percorrem todos os tempos, por mais que as modas literárias e as forma de contar uma história mudem com frequência. Uma das provas da excelência dos textos de Poe é a possibilidade de suas histórias serem transportadas para outras mídias, sem perder o impacto e o sabor narrativo. Que o digam os autores de Quadrinhos.

As Histórias em Quadrinhos são um estilo literário e artístico que se expressa pela junção do texto narrativo e do desenho para contar uma história. De apreensão rápida e instigante, os Quadrinhos necessitam de ideias originais e impactantes para prender o leitor até o final de suas páginas.

Isso determina o sucesso ou fracasso de um personagem, de uma revista ou de um tipo de gênero quadrinizado. Sendo assim, os contos de Edgar Allan Poe são pratos saborosos para se transformarem em boas Histórias em Quadrinhos, especialmente as de Terror.

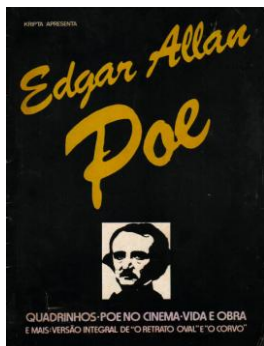
### CONTOS ADAPTADOS AOS QUADRINHOS

As revistas de Terror da década de 1950 comumente publicavam adaptações de contos góticos ou de terror de Poe. Algumas eram bem frequentes como *A Máscara da Morte Rubra*, *O Coração Acusador*, *O Poço e o Pêndulo* e *O Corvo*. Em preto e branco (sem dúvida a melhor forma de se publicar HQs de Terror), as histórias transformavam-se em uma sucessão de delírios gráficos e mantinham a angústia latente de Poe. Alguns exemplos só confirmam essas afirmativas. Uma dessas adaptações foi criada pelo mestre Flavio Colin e publicada na revista **Aventuras Macabras** (Editora Bloch) nº 12 (fevereiro de 1979). *A Máscara da Morte Rubra* conta a desventura da corte do Príncipe Próspero que tenta fugir em vão da peste. O grafismo de Colin subverte a obra original com um desfile de cores que destaca o vermelho fatal.



Uma das mais prestigiosas revistas dos anos 1980 foi **Kripta Especial nº 2 – Edgar Allan Poe** (RGE), de junho de 1980. **Kripta** foi uma das mais emblemáticas publicações de Terror do século passado, no Brasil.

Publicando material da Warren Publishing, a revista reunia o melhor dos autores americanos e europeus e nessa edição apresenta seis HQs com adaptações de Rich Margopoulos e Archie Goodwin e magníficos desenhos de Luis Bermejo, Isidro Mones, Reed Crandall, Richard Corben e do inigualável José Ortiz para *Os Crimes da Rua Morgue*.



A Marvel Comics lançou, em maio de 2006, a minissérie **Haunt of Horror: Edgar Allan Poe**. Com três números, a edição traz a igual quantidade de contos adaptados do escritor. Com roteiros de Rich Margopoulos e desenhos de Richard Corben, o destaque ficou para *O Corvo*.

Até a cômica revista **Mad** publicou uma sátira gráfica do poema *O Corvo* através do traço amalucado de Bill Elder. Publicado originalmente no **Mad** nº 9, em 1952, a HQ é um primor de detalhes, pequenos objetos, personagens aleatórios e uma sucessão de sandices impagáveis. Bill Elder morreu, aos 87 anos, em março de 2008, e sua prestigiosa HQ foi republicada no nº 4 do **Mad** brasileiro, em junho, como uma justa homenagem.



### POE COMO PERSONAGEM

Se as histórias de Allan Poe são uma fonte inesgotável de bons roteiros de histórias de Terror, a desvairada e deprimente vida do próprio escritor já rendeu bons Quadrinhos. Ele já foi personagem de uma aventura de Superboy (o jovem Superman) da DC Comics. Em *A Rendição de Superboy* (de 1964 e publicada no Brasil em **Superboy-Bi** nº 26, de 1971), Lana Lang ganha poderes mágicos e traz personagens históricos para destruir o super rapaz. Assim desfilaram na HQ, através dos traços de George Papp: Sansão, Atlas, Helena de Troia, Julieta, Merlin, Sir Galahad, Sherlock Holmes e Edgar Allan Poe.

Já em *Os Caçadores de Ouro de 1849!* (roteiro de Gardner Fox e desenhos de Gil Kane e Sid Greene), o pequeno titã Elektron (DC Comics) volta ao passado, no ano 1849, e se depara com um roubo de moedas de ouro. O super-herói ajuda Poe, que banca o detetive, a desvendar o crime, sem que ele saiba.

Já a editora italiana Bonelli tornou Poe um personagem muito requisitado. O escritor aparece como um intrépido agente da super secreta agência governamental Elsewhere, que auxilia Zagor a combater o maléfico Hellingen. Em *Agente Especial* (de dezembro de 1996, publicada no Brasil em **Zagor Extra** nº 40), Poe enfrenta uma aterrorizante horda de monstros e seres fantasmagóricos nas florestas de Darkwood. O curioso é que vários elementos dos contos de Poe são mostrados na HQ, como o corvo falante, o pêndulo (que ameaça cortar a barriga de Chico ao meio), o castelo medieval e, no início da aventura, os crimes misteriosos ocultados pelas névoas noturnas da cidade de Filadélfia.

Já nas aventuras de Mágico Vento, Allan Poe aparece como um frágil escritor que tenta debelar as injustiças do velho oeste, depois da Guerra da Secessão. Um pouco deslocado de seu tempo cronológico (década de 1860), Poe é retratado em desenhos primorosos de Barbari, Ramella e Milazzo, com um sensível roteiro de Manfredi. A HQ chama-se *Os Cavaleiros do Círculo Dowrado*, publicada na revista **Mágico Vento** nº 56 (fevereiro de 2002).



Uma boa incursão na vida do mestre do Terror nos Quadrinhos está em **The Surreal Adventures of Edgar Allan Poe** (Image Comics), que teve seu primeiro número lançado em 2007 e o segundo em agosto de 2008. Com roteiros de Dwight MacPherson e desenhos de Avery Butterworth, a HQ conta a morte da esposa de Poe, Virginia. O escritor é atormentado com os sonhos da jovem lhe culpando por sua morte. Assim, Poe reza para nunca mais dormir. Seu desejo é atendido e ele é separado de uma parte de sua essência que sonha, chamada Edgar Allan Poo. Poo viverá no mundo dos sonhos e tentará retornar a sua origem, o corpo do desperto Edgar Allan Poe.

### EDGAR ALLAN POE NOS QUADRINHOS

Os mínimos exemplos das possibilidades adaptativas dos escritos de Poe, aqui apresentados, só mostram o quanto o autor pode ser explorado pela mídia quadrinizada. Os ambientes sufocantes e gélidos, os personagens aterrorizantes, torpes e ensandecidos e o suspense manipulador da criação de Poe merecem continuar sendo destrinchados por talentosos roteiristas e sua obra ganhar traços de imaginativos desenhistas do mundo das Histórias em Quadrinhos. Ou então: “Nunca mais!”

# EDIÇÕES INDEPENDENTES



**DUETOS ESSENCIAIS**  
Edgar Franco et al.  
80p. 14x20cm.  
Quadrinhos poéticos de Edgar Franco em parceria com vários autores brasileiros  
[www.marcadefantasia.com](http://www.marcadefantasia.com)



**PRIMAS**  
Alberto Pessoa  
100p. 14x20cm.  
HQ sobre prostituição feminina no Nordeste  
[www.marcadefantasia.com](http://www.marcadefantasia.com)

## QUADRINHOS

**ARQUIVO** \* n° 57 \* jul/2014 \* 20 pág. \* A5 \* R\$ 3,00 \*  
**Denilson Reis** - R. Gaspar Martins, 93 - Alvorada - RS - 94820-380.

**BENJAMIN PEPPE** \* n° 6 \* mar/2017 \* 28 pág. \* A5 \*  
capa color. \* R\$ 6,90 + porte \* **Paulo Miguel dos Anjos** - Pr.  
Francisco de Santiago, 60 - São Paulo - SP - 02514-070.

**CABAL** \* n° 3 \* fev/2017 \* 40 pág. \* A5 \* capa color. \* R\$  
9,90 \* **Clodoaldo Cruz** - R. Dorival Borsari, 32 - V. Saul Borsari -  
Jaboticabal - SP - 14883-276 - zincabal@gmail.com.

**DUETOS ESSENCIAIS** \* **Edgar Franco** \* 2017 \* 84 pág.  
\* 140x200mm \* capa color. \* R\$ 20,00 \* **Henrique Magalhães** - Av.  
Maria Elizabeth, 87/407 - João Pessoa - PB - 58045-180 -  
[www.marcadefantasia.com](http://www.marcadefantasia.com).

**FANDAVENTURAS ESPECIAL** \* *Os Companheiros  
de Londres* \* n° 30 \* 2017 \* 34 pág. \* A4 \* capa color. \* 10 euros +  
porte internacional \* **José Pires** - [gussy.pires@sapo.pt](mailto:gussy.pires@sapo.pt).

**FANDAVENTURAS ESPECIAL** \* *Série Garth* \* n° 2  
\* 2017 \* 48 pág. \* A4 \* capa color. \* 10 euros + porte internacional \*  
**José Pires** - [gussy.pires@sapo.pt](mailto:gussy.pires@sapo.pt).

**FANDAVENTURAS - Rookwood** \* *Dick Turpin de  
Tony Weare* \* 2017 \* 40 pág. \* A4 \* capa color. \* 10 euros + porte  
internacional \* **José Pires** - [gussy.pires@sapo.pt](mailto:gussy.pires@sapo.pt).

**FANDCLASSICS** \* *Terry e os Piratas* \* n° 2 \* 2017 \* 122  
pág. \* A4 \* capa color. \* 15 euros + porte internacional \* **José Pires** -  
[gussy.pires@sapo.pt](mailto:gussy.pires@sapo.pt).

**FANDCLASSICS** \* *Terry e os Piratas* \* n° 3 \* 2017 \* 132  
pág. \* A4 \* capa color. \* 15 euros + porte internacional \* **José Pires** -  
[gussy.pires@sapo.pt](mailto:gussy.pires@sapo.pt).

**FANDWESTERN** \* *Série Matt Marriott* \* n° 52 \* 2017 \* 58  
pág. \* A4 \* capa color. \* 10 euros + porte internacional \* **José Pires** -  
[gussy.pires@sapo.pt](mailto:gussy.pires@sapo.pt).

**FANDWESTERN** \* *Série Matt Marriott* \* n° 53 \* 2017 \* 54  
pág. \* A4 \* capa color. \* 10 euros + porte internacional \* **José Pires** -  
[gussy.pires@sapo.pt](mailto:gussy.pires@sapo.pt).

**FANDWESTERN** \* *Série Matt Marriott* \* n° 54 \* 2017 \* 46  
pág. \* A4 \* capa color. \* 10 euros + porte internacional \* **José Pires** -  
[gussy.pires@sapo.pt](mailto:gussy.pires@sapo.pt).

**FANDWESTERN** \* *Série Vitor Péon - O Juramento de  
Dick Storm* \* 2017 \* 48 pág. \* A4 \* capa color. \* 10 euros + porte  
internacional \* **José Pires** - [gussy.pires@sapo.pt](mailto:gussy.pires@sapo.pt).

**FANDWESTERN** \* *Série Vitor Péon - Três Balas* \* 2017 \*  
44 pág. \* A4 \* capa color. \* 10 euros + porte internacional \* **José  
Pires** - [gussy.pires@sapo.pt](mailto:gussy.pires@sapo.pt).

**FANDWESTERN** \* *Série Vitor Péon - Falsa Acusação* \*  
2017 \* 40 pág. \* A4 \* capa color. \* 10 euros + porte internacional \*  
**José Pires** - [gussy.pires@sapo.pt](mailto:gussy.pires@sapo.pt).

**FILMES ANTIGOS** \* n° 4 \* mar/2017 \* 36 pág. \*  
180x260mm \* **José Salles** - C.P. 95 - Jaú - SP - 17201-970.

**GIBI DE FAROESTE** \* n° 6 \* mar/2017 \* 60 pág. \*  
180x260mm \* **José Salles** - C.P. 95 - Jaú - SP - 17201-970.

**ICFIRE** \* n° 130 \* out/2015 \* 28 pág. \* A5 \* color. \* R\$ 5,00 \*  
**Chagas Lima** - R. Miriam Coeli, 1737 - Lagoa Nova - Natal - RN -  
59054-440 - [icfire.clima@gmail.com](mailto:icfire.clima@gmail.com).

**ICFIRE** \* n° 138 \* jun/2016 \* 20 pág. \* A5 \* color. \* R\$ 5,00 \*  
**Chagas Lima** - R. Miriam Coeli, 1737 - Lagoa Nova - Natal - RN -  
59054-440 - [icfire.clima@gmail.com](mailto:icfire.clima@gmail.com).

**ICFIRE** \* n° 143 \* nov/2016 \* 20 pág. \* A5 \* color. \* R\$ 5,00  
\* **Chagas Lima** - R. Miriam Coeli, 1737 - Lagoa Nova - Natal - RN -  
59054-440 - [icfire.clima@gmail.com](mailto:icfire.clima@gmail.com).

**ICFIRE** \* n° 145 \* jan/2017 \* 24 pág. \* A5 \* color. \* R\$ 5,00 \*  
**Chagas Lima** - R. Miriam Coeli, 1737 - Lagoa Nova - Natal - RN -  
59054-440 - [icfire.clima@gmail.com](mailto:icfire.clima@gmail.com).

**ICFIRE** \* *reedição colorida* \* n° 51 \* jul/2016 \* 20 pág. \* A5 \*  
color. \* R\$ 5,00 \* **Chagas Lima** - R. Miriam Coeli, 1737 - Lagoa  
Nova - Natal - RN - 59054-440 - [icfire.clima@gmail.com](mailto:icfire.clima@gmail.com).

**MÚLTIPLO** \* n° 2 \* dez/2016 \* 80 pág. \* A5 \* capa color. \*  
R\$ 25,40 + porte \* **André Carim de Oliveira** - a/c  
[www.clubedeautores.com.br](http://www.clubedeautores.com.br).

**MÚLTIPLO** \* n° 3 \* jan/2017 \* 76 pág. \* A5 \* capa color. \*  
R\$ 25,14 + porte \* **André Carim de Oliveira** - a/c  
[www.clubedeautores.com.br](http://www.clubedeautores.com.br).

**MÚLTIPLO** \* n° 4 \* fev/2017 \* 82 pág. \* A5 \* capa color. \*  
R\$ 25,41 + porte \* **André Carim de Oliveira** - a/c  
[www.clubedeautores.com.br](http://www.clubedeautores.com.br).

**O PIOR ANO DA MINHA VIDA** \* n° 1 \* fev/2017 \*  
32 pág. \* A5 \* capa color. \* R\$ 10,00 \* a/c **Roseli Amorim** - R.  
Alcindo Guanabara, 24, sala 907 - Rio de Janeiro - RJ - 20031-130.



**PRIMAS** \* Alberto Pessoa \* 2016 \* 104 pág. \* 140x200mm \* capa color. \* R\$ 25,00 \* **Henrique Magalhães** - Av. Maria Elizabeth, 87/407 - João Pessoa - PB - 58045-180 - www.marcadefantasia.com.

**QUADRITOS** \* nº 13 \* dez/2016 \* 64 pág. \* 150x230mm \* R\$ 9,90 \* **Marcos Freitas** - atomiceditora@gmail.com.

**SPEKTRO** \* nº 8 \* jan/2017 \* 80 pág. \* 200x2080mm \* capa color. \* R\$ 22,00 \* **Fábio Chibiski** - R. Jorge Holzmann, 555 - Vila Oficinas - Ponta Grossa - PR - 84043-015.

**SUPER HERÓIS** \* nº 5 \* jan/2017 \* 24 pág. \* A6 \* color. \* **Marcos Fabiano Lopes** - Av. Suarão, 2181 - Nova Itanhaém - Itanhaém - SP - 11740-000 - marcosfabianolopes@hotmail.com.

**TCHÊ** \* nº 42 \* jan/2017 \* 40 pág. \* A5 \* capa color. \* R\$ 5,00 \* **Denilson Reis** - R. Gaspar Martins, 93 - Alvorada - RS - 94820-380.

## FICÇÃO CIENTÍFICA E HORROR

**JUVENATRIX** \* nº 183 \* fev/2017 \* 13 pág. \* arquivo pdf via e-mail \* **Renato Rosatti** - renatorosatti@yahoo.com.br.

**JUVENATRIX** \* nº 184 \* abr/2017 \* 14 pág. \* arquivo pdf via e-mail \* **Renato Rosatti** - renatorosatti@yahoo.com.br.

## OUTROS ASSUNTOS

**O CAPITAL** \* nº 272 \* fev/2017 \* 16 pág. \* A4 \* **Ilma Fontes** - Av. Ivo do Prado, 948 - Aracaju - SE - 49015-070.

**MEGAROCK** \* a força do Rock n' Roll \* nº 66 \* dez/2016 \* 12 pág. \* A4 \* **Fernando Cardoso** - C.P. 3535-1 - Diadema - SP - 09950-971 - contato\_fernandocardoso@hotmail.com.

**ODAIR JOZINE** \* fev/2017 \* 24 pág. \* A5 \* a/c **Renato Donisete Pinto** - C.P. 1035 - B. Barcelona - São Caetano do Sul - SP - 09560-970.

**A PRINCESA AFRICANA** \* literatura infantil \* 2017 \* 36 pág. \* 140x210mm \* capa color. \* R\$ 16,00 \* **Luiz Faria** - Trav. Constantino Pinto, 21/12 - São José dos Campos - SP - 12211-110.

## LITERATURA, POESIA e MÚSICA

**O BOÊMIO** \* nºs 312 e 313 \* **Eduardo Waack** - R. Benedito Aleixo do Nascimento, 219 - Matão - SP - 15990-776.

**BOLETIM DA AFNB** \* nºs 3, 4, 5, 6, 7 e 8/2017 - C.P. 6261 - Ag. W3 - 508 Asa Norte - Brasília - DF - 70740-401.

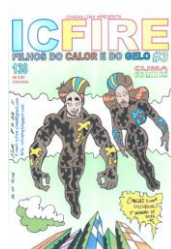
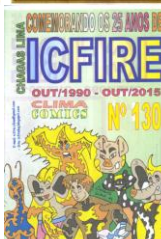
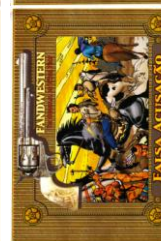
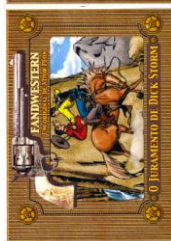
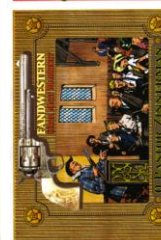
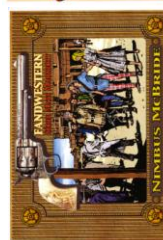
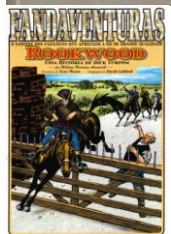
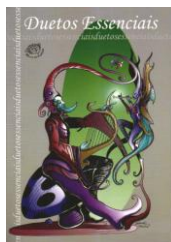
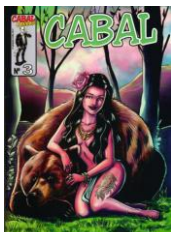
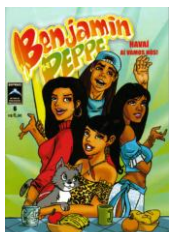
**CORREIO DA PAZ** \* nº 27 \* **Rosângela Carvalho** - C.P. 5366 - Ac. Taguatinga - Brasília - DF - 72010-971.

**COTIPORÁ CULTURAL** \* nº 67 \* **Adão Wons** - R. Marcílio Dias, 253 - Térreo - Cotiporã - RS - 95335-000.

**O GARIMPO** \* nºs 139 e 140 \* **Cosme Custódio da Silva** - R. dos Bandeirantes, 841/301 - Matatu - Salvador - BA - 40260-001.

**A VOZ** \* nº 150 \* Av. Dr. José Rufino, 3625 - Tejió - Recife - PE - 50930-000.

## GALERIA DE CAPAS







Cartão enviado por **Rosangela Carvalho** com os dizeres: "Medicina não tem mágica, mas carinho tem."

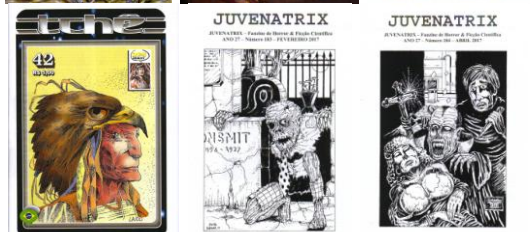


Ilustração enviada por **Roberto Simoni**.

# MEU FAROESTE FAVORITO

E. Figueiredo

**Aí, Mocinho!** - Gíria que a plateia do cinema vibrava e aplaudia o herói nos momentos em que ele corria atrás dos malfetores!

Quando alguém me pergunta qual foi o melhor filme que assisti, respondo de pronto **Cidadão Kane**, de Orson Welles. Trata-se de uma obra única e incontestável. E essa obra prima tem a unanimidade com a mesma opinião.

Mas, se eu for interpelado sobre qual filme de faroeste que mais gostei, fico indeciso qual apontar, pois são inúmeras as produções com esse tema contagiante. **Rastro de Ódio** (John Wayne), **Shane** (Alan Ladd), **Rio Vermelho** (John Wayne), **Sete Homens e um Destino** (Yul Brynner), **O Homem que Matou o Facinora** (James Stewart), **A Face Oculta** (Marlon Brando), **Céu Amarelo** (Gregory Peck), **Três Homens em Conflito** (Clint Eastwood), **Honra sem Fronteiras** (Rory Calhoun), **Meu Ódio Será sua Herança** (William Holden), **Consciências Mortas** (Henry Fonda). São fabulosos filmes que agradam a todos que apreciam películas de bang-bang.

Nessa linha de filmes, que contam as histórias do Velho Oeste americano, eu tenho um favorito:

## MATAR OU MORRER!

**Matar ou Morrer** foi rodado em preto e branco e sua narrativa é feita em tempo real. Todos os incidentes estão concentrados entre 10h e 40 minutos e Meio Dia de um domingo de 1870. Tem a participação de dois monstros do cinema: Gary Cooper e Grace Kelly.

A primeira grande característica do filme é que a história é contada em tempo real. No desenrolar do enredo, advertindo o espectador, são mostrados vários relógios que marcam a passagem do tempo, intercalados com as cenas de tensão.

A outra característica é, num mesmo filme, mostrar honra, coragem, medo, covardia e solidão misturados com suspense, optando por identificar esses valores em seus personagens. Há uma abordagem do conflito em um plano psicológico e pela carga de suspense contido, fazendo com que seja um faroeste ímpar.

E não poderia deixar de citar a bela música que pontua o filme: *Do not forsake me, oh may Darling!* Uma balada cantada por Tex Ritter, célebre cowboy de faroeste e de gibis.

O filme conta a estória de um xerife, de uma cidade, que é forçado a duelar sozinho com uma gangue de assassinos. A personagem, interpretada por Gary Cooper, é um homem da lei que se dispõe a defender sozinho uma cidade de habitantes covardes, contra um bando de criminosos vingativos cujo líder é um inimigo que ele pôs na cadeia. No maior confronto da história do Cinema, Gary Cooper fica para perder, não só a cidade, como também sua esposa, Grace Kelly.

No dia do seu casamento, o xerife fica sabendo que ao meio-dia chegará o trem trazendo Frank Miller, o criminoso que ele mandou para a cadeia e planeja se vingar, em cuja estação é aguardado por três bandidos que o auxiliarão na empreitada. Apesar da sua esposa tentar convencê-lo a irem embora, ele acha que fugirá para sempre se não enfrentar a situação. Ele admite sentir medo, sabe que precisa de ajuda e procura junto à população obter auxílio para enfrentar o famoso pistoleiro que chegará no próximo trem. O povo, também temeroso, se acovarda.

Aos poucos, Cooper vai percebendo a solidão, a partir do momento que os moradores da cidade, para quem muitas vezes serviu, se recusam a ajudar numa situação crucial. Ao contrário, todos querem o xerife fora da cidade, não no sentido de protegê-lo, mas porque traria mais pânico à localidade. A população, assustada, se refugia sem ajudá-lo, apesar dele pedir aos cidadãos para enfrentar o pistoleiro e seus cúmplices. Até quem tinha se oferecido para ajudar, na última hora, foge porque o xerife não conseguira os reforços necessários. Nesse ponto de desamparo, ele decide partir para a luta para enfrentar, sozinho, a turba de bandidos.

Ao som do tema do filme, o minuto que antecede a chegada dos criminosos é antológico. O momento do clímax, além do duelo do homem solitário, e quando tudo já está sob controle, os moradores saem das suas casas, onde estavam enclausurados, e ficam em volta do xerife e de sua esposa. Ele olha para aquele pessoal, que se amedrontou quando mais precisava do uso da coragem, e, com total desprezo, atira ao chão a sua estrela de xerife, dando a entender que retribuía a ajuda que não teve. “Fiquem com isso!” Em seguida ele sobe na carroça, onde sua esposa já se encontrava acomodada, e vai embora sem olhar para trás...

**Matar ou Morrer** recebeu o Oscar nas categorias de Melhor Ator (Gary Cooper), Melhor Edição e Melhor Canção. Indicado nas categorias de Melhor Direção, Melhor Filme e Melhor Roteiro. Recebeu Globo de Ouro na categoria de Melhor Ator Coadjuvante (Katy Jurado). É considerado o número 33 na lista da American Film Institute, dos 250 melhores filmes do mundo!

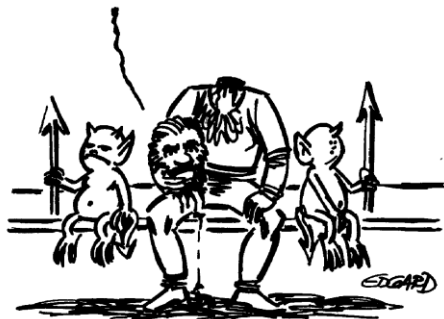




Esboço de uma ilustração que pretendi fazer para enviar a uma revista sobre Música.  
A pose de Tarzan comemorando a vitória sobre o inimigo me pareceu similar aos gestos de um guitarrista em performance.  
A solução de colocar dois pares de braços só pode ser culpa de Burne Hogarth.

# CARTUNS E OUTROS

É PALÁCIO DO PLANALTO, PALÁCIO DOS BANDEIRANTES, PALÁCIO DARCI, PALÁCIO DALI...  
NÃO É A TOA QUE ESSES GOVERNANTES  
AGEM COMO SE FOSSEM REIS...



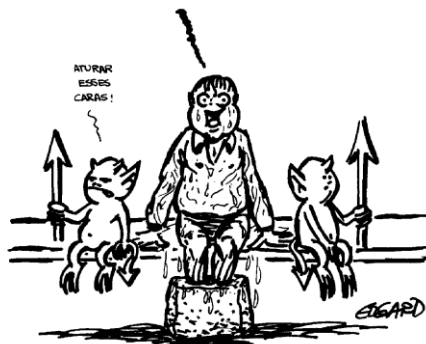
NÃO SEI PARA QUÊ MUDAR O NOME PARA  
PRESIDENTE. BASTARIA ELEGER UM NOVO  
REI DE TEMPOS EM TEMPOS...



O CONGRESSO SUBSTITUI BEM A  
NOBREZA NO APOIO AO DESPOTISMO  
DOS ATUAIS GOVERNANTES...



O ESTADO NEM PRECISA INSTITUIR  
A PENA DE MORTE, BASTA CONTINUAR  
FECHANDO OS OLHOS.



COM A VOCÇÃO PARA MONARCA QUE OS  
PRESIDENTES TÊM, NÃO SEI COMO CONCORDAM  
EM, NA ROSA, RECEBER UMA FAIXA E  
NÃO UMA COROA.



O GRANDE DEFÉITO DA REPÚBLICA EM  
RELAÇÃO À MONARQUIA É NÃO PODER ELEGER  
UM PRESIDENTE MENOR DE IDADE. OS REGENTES,  
EM GERAL, FAZEM BOM GOVERNO!

